



THOT

Nº 38

Cr\$ 5.000

I CHING

J. S. BACH

O INCONSCIENTE

ASTRO-FILOSOFIA

DEUSES DO EGITO

PALAS ATHENA

- fone: 288.7356

Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

SEDE CENTRAL
R. Leôncio de Carvalho, 99
Paraíso - S. Paulo
CEP 04003 - S.P.
Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA
Rua Dona Ana Neri, 846
Cambuci - S. Paulo
CEP 01522 - S.P.
Fone: 279.6288

**CENTRO PEDAGÓGICO
CASA DOS PANDAVAS**
Bairro do Souza
CEP 12250 - Município de
Monteiro Lobato - S.P.

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**
R. Cristóvão Colombo, 2149
Sala 315 - Floresta
CEP 90000 - Porto Alegre - RS

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA**
Rua Azarias Leite, 15-39
CEP 17100 - Bauru - S.P.



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawłowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho; Adalberto A. Cabral; Maria Inês Facchini.

EQUIPE THOT

Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fátima Flores Jardim; Rosa Indáttilo; Therezinha Siqueira Campos; George Barcat; Renata De Cesare; Isabel Cristina M. de Azevedo; Nilton Almeida Silva.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$ 30.000 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

ÍNDICE

Editorial	2
Deuses do Panteão Egípcio <i>Basílio Pawłowicz</i>	3
O Misticismo em Mestre Eckhart <i>Nilton Almeida Silva e Adriana De Cesare</i>	12
Astro-Filosofia <i>Ilse Maria Spath</i>	15
Johann Sebastian Bach <i>Tonyan Khallyhabby</i>	21
Introdução ao I Ching <i>Gustavo Alberto Corrêa Pinto</i>	23
Resumo da Evolução Cultural Japonesa <i>Eico Suzuki</i>	29
O Inconsciente — sua influência na vida e na integração do ser <i>David Cohen</i>	33



CAPA:

"A Deusa Selkit", do Relicário dos Canopos de Tutancâmon, XVIII Dinastia. Detalhe.

Os antigos diziam: *Verba volant, scripta manent, exempla trahunt*, ou seja, "As palavras se dispersam, os escritos permanecem, os exemplos arastam". No que estamos assistindo hoje em nossa terra, por ocasião da eleição, do doloroso martírio e da morte do Presidente Tancredo Neves, poderíamos constatar a demonstração inequívoca da sabedoria daquelas sentenças.

No decorrer da longa carreira política de Tancredo Neves, desde São João del Rei, da qual se evoca uma atmosfera do Barroco mineiro, até a apoteose de seu féretro pelas megalópolis de São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, vemos mais do que uma simples trajetória de um político brilhante entre tantos. Descortinamos a marcha de um povo. O Brasil de suas mais caras tradições espirituais, que parecia imerso no passado e no olvido, cedendo o passo a novas fórmulas que, apesar da variedade dos invólucros, escondiam sempre a mesma visão materialista sobre o ser humano e seu destino, o Brasil autêntico desperta, ressurge, recupera sua própria identidade.

Pudemos ver em nossas casas, através da televisão, um espetáculo que nunca nos fora dado presenciar: a figura de Tancredo irmanar todos os que aqui vivem numa mesma esperança. Católico convicto e praticante, Tancredo desvendou às novas gerações que a fé não é incompatível com a ação, que a contemplação não exclui a participação na vida do país. Espírito aberto, conciliou as mais variadas tendências ideológicas que, por vezes, buscam os mesmos objetivos, mas se digladiam porque não sabem ouvir. Tancredo era o que, mestre incomparável da oratória, sabia ponderar as reflexões dos outros, compreender a situação das várias camadas e correntes da população. Por isto, todos viram nele um símbolo do Brasil verdadeiro, acolhedor, cristão, ecumênico, amável, mas também brioso, lutador, consciente dos seus direitos e dos seus deveres.

No decorrer de sua memorável campanha pela presidência, nas declarações à imprensa depois de eleito, no contato com as mais altas personalidades do mundo europeu e americano, Tancredo disse grandes verdades que o tempo jamais poderá apagar. Neste sentido ele fez mais do que pagar nossa dívida externa: resgatou a dignidade do povo brasileiro.

Eis por que motivo, durante sua longa enfermidade, todos rezaram, cada qual ao seu Deus, num ecumenismo verdadeiramente edificante, esquecendo as diferenças acidentais, para ver o essencial: Tancredo precisava viver, para conduzir o Brasil ao seu verdadeiro destino.

E, no entanto, esgotados os recursos da ciência, se confiava em um milagre. Para muitos, talvez, numa visão apressada, todas essas orações, todos os rituais de todas as religiões foram infrutíferos.

Se refletirmos melhor veremos, pelo contrário, que Tancredo não morreu. Sim, pois ele vive no Brasil novo que começa a despontar, cujos primeiros albos já estamos constatando: e isto depois de décadas de tendências massificantes, depois de anos de perda da autoconfiança de um povo, voltar a aparecer, ressurgir, é um milagre.

Os céticos inevitáveis dirão que tudo foi produto da ação poderosa da imprensa, da comunicação social. Somos obrigados a discordar de uma visão tão estreita, pois a manifestação nos funerais de Tancredo Neves foi espontânea, não planejada, realmente popular e os jornalistas, nos dando notável exemplo de profissionalismo, seguiram o interesse de todos nós: saber o que estava se passando com o Presidente e depois acompanhar as honras solenes da despedida.

Sim, pois o estadista ímpar, que ora nos deixa fisicamente, tornou-se um símbolo, tal como o Tiradentes, em cuja data do martírio ele por uma coincidência notável, veio a falecer.

E como seu conterrâneo — mas que sonhou com um Brasil grande — Tancredo não chegou à terra prometida: o mártir de Vila Rica não viu a Independência, Tancredo não viu a Nova República. Mas ambos nos deixaram um legado: com seu exemplo, mais do que com seus escritos ou com suas palavras, nos ensinaram qual o rumo a seguir.

Exempla trahunt: que o exemplo de Tancredo nos arraste para uma atitude mais solidária com os que sofrem, mais entusiasta no trabalho e, sobretudo, mais consciente de que teremos uma eternidade para o descanso, se tivermos dado o melhor de nós em prol da causa sagrada da Liberdade e da Pátria.

Cláudio De Cicco

Deuses do Panteão Egípcio

Até o presente, os enigmas que apresenta a religião do Egito são pólos de atração para profissionais e amadores, cientistas e diletantes. As pesquisas arqueológicas e a ciência moderna, em vez de desvendar as obscuridades teológicas, aprofundaram mais as dúvidas que se tinham sobre as crenças dos portentosos filhos de Thot.

Por norma, atribui-se a obscuridade da religião egípcia ao fato de não ser homogênea, isto é, proveniente de uma mesma origem, de uma única "revelação".

Os povos que foram ocupando as margens do Nilo possuíam, seguramente, crenças e símbolos que no marco de uma nova realidade geográfica experimentaram novas mudanças, articulando-se de maneira estrutural em cada nomo, como crença local.

Já para os gregos antigos, a religião egípcia representava um mistério difícil de desvendar, pela quantidade imensa de divindades cujos símbolos permaneciam obscuros para sua própria cosmovisão. Inferimos a possibilidade de que isto fosse semelhante para os próprios habitantes de Kem. Nenhum povo jamais conheceu substancialmente os símbolos de sua própria religião, buscando unicamente atrair sobre si a proteção divina. Por outro lado, os sacerdotes das congregações existentes, que poderiam explicá-los, guardavam com zelo incomum as chaves de interpretação, tentando com isto impedir a profanação do sagrado.

Platão, e antes dele Pitágoras, afirmaram que a ciência e a religião do Egito eram originárias da lendária Atlântida, pressupondo assim um sistema único e homogêneo que ao longo dos séculos transformou-se, provocando superposição de conceitos e símbolos. Esta mesma idéia reaparece entre os gnósticos alexandrinos.

Poder-se-ia supor, também, que a superposição de conceitos provocou que as mesmas idéias simbolizadas pelos deuses fossem reverenciadas através de iconografias diferentes, já que a função fundamental delas seria o "religare", e enquanto se desse esta função não haveria restrições.

Todas estas teorizações obedecem ao fato da civilização egípcia se desenrolar por três milênios. Nesses trinta séculos podemos encontrar conceitos como nas primeiras dinastias, em que se considerava o Estado perfeito e não perfectível, até a degradação das últimas dinastias, passando por todas as crises políticas e religiosas possíveis.

Nossos leitores, buscadores da verdade, abertos para novos ângulos duma mesma realidade, poderão admitir facilmente a leveza das opiniões "eruditas", qualificando os deuses do Egito como tentativas infantis da astrolatria, fitomorfismo, zoolatria, falicismo, totemismo, etc., reunindo tudo isto doutrinariamente numa palavra pejorativamente pronunciada: politeísmo.

Quando se quer entender, compreender e vivenciar um fenômeno religioso é necessário deixar o historicismo que exige uma religião "primitiva" para os primeiros passos do homem na história. As religiões, ainda que isto possa parecer paradoxal, não podem entrar em esquemas de história que funcionam como processo de evolução e desenvolvimento, pois religião é a atitude humana na pre-



sença de Deus ou dos deuses. Confundir religiosidade com o religioso produz a intolerância religiosa com todos os matizes possíveis, ainda que potenciada num aspecto: religião superior ou religião inferior.

Quando se pode entender que os deuses são a identificação de aspectos de uma divindade nebulosa, revelada ou não, que se destaca lentamente à inteligência do homem, compreende-se que eles são hiatos de um caminho ascendente para o encontro de outros símbolos não suscetíveis de serem identificados com atributos, e que a soma de todos os deuses é Deus.

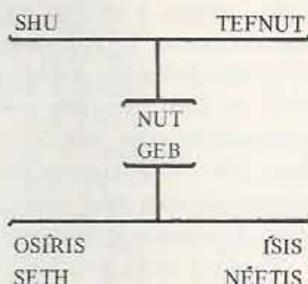
A simbologia teológica do Egito, através de uma incrível iridiscência iconográfica, continua entregando seus conteúdos ao consciente ou ao inconsciente dos que buscam uma verdade não comprometida com o tempo; e as divindades do Egito continuam testemunhando a incrível fé deste povo que cobriu sua terra de imagens sacras e templos religiosos. De seus corpos de diorita negra, de madeira de sicômoro, ou de finíssimas porcelanas policromadas, os deuses do Egito olham o presente com seus olhos de pasta de vidro e pupilas de obsidiana, esperando que chegue o tempo em que, pela lei dos ciclos históricos, renasça entre os homens a primavera dos Mistérios.

A grande Enéada de Heliópolis

Nas fontes mais antigas disponíveis (panteão de Heliópolis) a criação do mundo e o aparecimento dos deuses é narrada como segue:



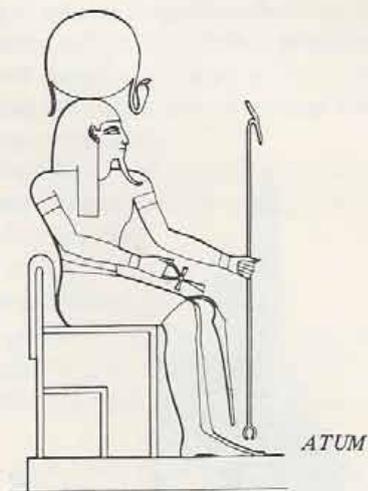
Do pré-oceano NUN emergiu sobre a colina de Heliópolis o primeiro pré-deus, que se gerou a si mesmo. ATUM, posteriormente ATUM-RÁ, por auto-concepção, gerou a SHU e TEFNUT, a atmosfera luminosa e a umidade, ou também os escuros abismos subterrâneos. Estes, por sua vez, geraram NUT e GEB – o céu e a terra, de quem nasceram OSÍRIS, SETH, ÍSIS e NÉFTIS.



NUN: o caos primordial, o pré-oceano, no qual antes da criação dormiam os germes de todas as coisas. Os textos egípcios o chamam "o pai dos deuses". Permanece como um conceito puramente intelectual. Não possui templos ou devotos. Raramente representado, e quando isto acontece o encontramos como um personagem mergulhado até a cintura na água, com os braços suspensos para sustentar os deuses que dele derivam.

ATUM: seu nome parece provir duma raiz que em copta significa "não-ser". Deus local de Heliópolis, onde seu animal sagrado era o boi Merver (o Maevis grego). Desde as primeiras dinastias era identificado com RÁ, o espírito do sol. Antes da criação, vivia no abismo de NUN, carregando consigo o conteúdo da existência. Seu culto foi muito popular no Egito, juntamente com RÁ. Posterior-

mente, ATUM foi identificado com o nascer e o pôr do sol. Sem contraparte feminina, gerou o primeiro casal divino. Na teogonia de Mênfis existe uma variante deste tema. Ele aparece unido à deusa IUSAAS ou a NEBHET HOTEP, com as quais gerou SHU e TEFNUT.



TEFNUT: irmã gêmea de SHU, também sua esposa. Primeiro casal divino representando o mundo de duas dimensões. SHU é o espírito que paira sobre o abismo de TEFNUT. Simbolizam os elementos masculinos e femininos que entram na composição do Cosmos. Os gregos os identificaram com Ártemis e Apolo. Descrita nos textos como pálida cópia de SHU e, em consequência, associada à lua, ao orvalho e à chuva.

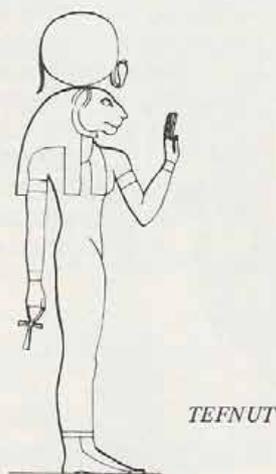


Fig. 1 — SHU se ergue entre seus filhos — o Céu e a Terra. Observe-se o corpo de NUT coberto de estrelas, representando a abóbada celeste. GEB olha para baixo e a posição de seu corpo simboliza as irregularidades da superfície da Terra. À esquerda e à direita da imagem podem ser vistas duas barcas representando o sol nascente e o poente navegando pelas “águas” do Céu.



Figura 1

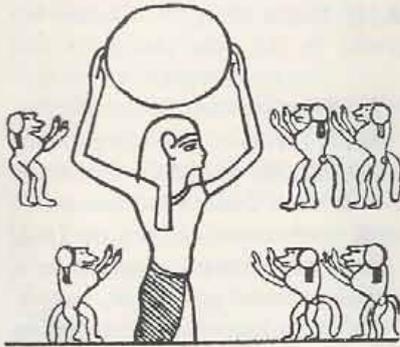


Figura 2

Fig. 2 — Variante do mesmo tema. SHU como personificação do deus RÁ. À semelhança do Atlas grego, sustém o mundo e é adorado por cinocéfalos.

Transferiu sua soberania para seu filho mais velho, OSÍRIS, e ascendeu ao céu onde, vez por outra, toma o lugar de THOT como arauto de RÁ e juiz dos deuses.



RÁ



GEB

GEB: constituía, com NUT, o segundo casal divino. Plutarco o identificou com Cronos, ou Saturno. Era o deus da Terra, do fundamento físico do mundo. Mal tinha algo que se parecesse a um culto nos tempos clássicos. Separado do abraço íntimo que mantinha com NUT, por SHU, que levantou a abóbada celeste, permaneceu inconsolável e suas lamentações (da Terra) podiam ser ouvidas de dia e de noite. Apoiado em um cotovelo, com um joelho retesado, assim simboliza as ondulações da crosta terrestre. Ocasionalmente, sua cabeça é adornada com um ganso, cuja fêmea botou o ovo do Sol. Contudo, GEB é reputado como o pai dos deuses osirianos, assim como NUT, a mãe. Foi o terceiro varão divino, sucedendo a SHU.

RÁ: a divina alma universal em seu aspecto manifestado. A luz, sempre ardente, é também o sol personificado. RÁ significa: dispor, fazer, e, com efeito, o deus RÁ dispôs e organizou o mundo. Aparece com cabeça de falcão, ave consagrada a HÓRUS, como aspecto do sol operando no mundo da matéria.

OSÍRIS: há diversas representações de OSÍRIS, uma das mais importantes divindades do Egito. Senhor da Eternidade, juiz das almas, seu símbolo está ligado intimamente aos mistérios da vida, da morte e, principalmente, da ressurreição. Relacionado com a agricultura como deidade do trigo, porém também com o trigo (a colheita) metafísico. Sua fama influenciou todos os vizinhos do Egito. Plutarco, autor de *Ísis e Osiris* (publicado em língua portuguesa pela Palas Athena), diz que nasceu no

primeiro dos cinco dias epagômenos do ano egípcio e que foi rei divino. Como legislador, instruiu aos homens e organizou o culto que se deve aos deuses. Sua sabedoria foi comunicada através de hinos e músicas sacras. Principal figura do mito osiriano, representa a consciência humana que se identifica com o homem celeste, e por isso "morre" para o mundano mas "ressuscita" para o divino.

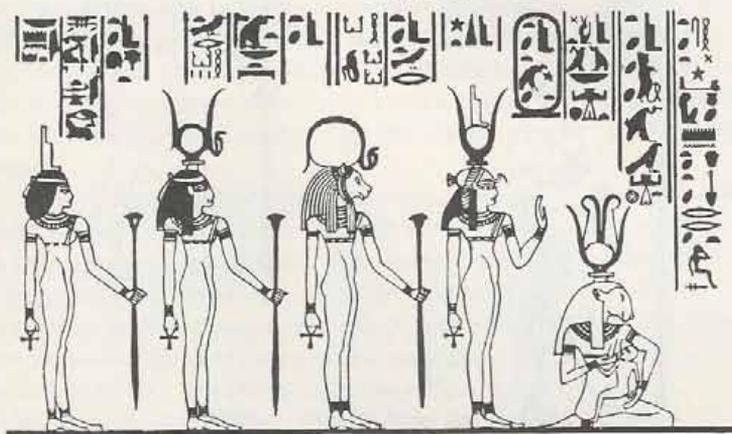


Diversas representações de OSÍRIS

ÍISIS: existem diversas representações de ÍISIS, simbolizando aspectos do feminino como número. Esposa mística de OSÍRIS e também sua irmã. Representa a Mãe-Terra para o humano e a Mãe Cósmica para o divino. Senhora "do degrau", detalhe que comumente pode ser visto na sua coroa,

simboliza o apoio, a escada ascendente para a alma. Mediadora entre o céu e a terra. Associada à lua e aos encantamentos da alma pelos perfumes e os mistérios noturnos. Também relacionada com a umidade, o orvalho, a água e as "águas" do espaço. Virginalmente, concebeu a HÓRUS, o Cristo egípcio.

de um asno. No *Livro dos Mortos*, SETH-TIFON é acusado por roubar "a razão da alma". O asno era o emblema da alma caída na matéria e seu nome egípcio era IAO. Fundamentalmente, representa a divina matéria primordial, carente de razão e fonte das formas, tendo a esterilidade do deserto como símbolo do que deve ser trabalhado.



Diversas representações de ÍISIS.

NÉFTIS: irmã de ÍISIS e seguramente um de seus aspectos. Esposa de SETH. Gênio do mundo inferior. ÍISIS e NÉFTIS são o Alfa e o Ômega da natureza, segundo H. P. Blavatsky. NÉFTIS designa o poder invisível da terra e da natureza. No limiar, no horizonte que separa as duas irmãs, está o misterioso ANÚBIS. Seu mundo, diz Plutarco, está relacionado com a reprodução e a desintegração das coisas.



SETH

SETH: lado obscuro de OSÍRIS, Satã, "o adversário", nada tem a ver com o diabo cristão. Materialidade de tudo quanto se manifesta. Personagem importante no mito osiriano. Simboliza os obstáculos, a resistência da matéria, os liames e todo o entrave que impede a liberação. É parte do plano de Deus e não inimigo de Deus. Sua cabeça é a estilização



NÉFTIS

A pequena *Enéada* de Heliópolis.

O Professor Kazimiers Michalowsky, Diretor do Instituto Arqueológico Polonês do Cairo, menciona somente, como partes desta *Enéada*, HÓRUS, THOT, MAAT e ANÚBIS. Outros autores mencionam RÁ como princípio e os quatro filhos de HÓRUS, completando o número místico 9.

Em Tebas a *Enéada* compreendia 15 divindades, e nos "textos das pirâmides" da V dinastia encontramos o número 10, década que pode dar nascimento a um novo deus.

Em Hermópolis, capital do décimo quinto nomo do Alto Egito, lugar onde se encontra o terceiro grande sistema teológico, fala-se da *Ogdóada*, ou seja, grupo de 8 deuses principais. Todavia, o panteão egípcio é infinitamente mais complexo do que se pode imaginar.

Nos milhares de templos cultuam-se tríades de deuses, agregando a um deus nacional outros dois de caráter local.



HÓRUS criança sentado sobre uma flor de lótus.

HÓRUS: concebido magicamente — sua mãe, a virgem ÍSIS, gerou-o sem participação masculina. É o deus solar operando no mundo dos homens. É o poder crístico da humanidade que com grande esforço continua sua marcha, devendo morrer sua materia-

lidade para ser Um com seu pai OSÍRIS. Ponte entre o céu e a terra, simboliza o caminho do retorno. Sacramento a obra de seu pai e o "vinga" neste mundo. É o homem interior, que entrará em batalha contra as forças tenebrosas da obscuridade.

THOT: deus da sabedoria e do conhecimento em geral. É o patrono dos templos iniciáticos, o senhor do silêncio e do sigilo. Seu nome foi usado genericamente por várias gerações de sábios. Tem o mesmo valor do Hermes grego e do Mercúrio romano. Inventor das ciências em geral, da agricultura, da cerâmica e da escrita. Esta última foi necessária porque os homens, nos primórdios da vida, lembravam sua origem divina e sabiam dar sentido à vida. Livros que lhes lembrassem seus deuses eram absolutamente dispensáveis; mas, quando perderam sua espiritualidade pela experiência material, foi mister a escrita como meio de fixar as idéias do sagrado.

MAAT: abstração de quanto significa verdade e justiça, virtudes que os egípcios ofereciam como "alimento" a seus deuses e

que eram inspiradas nos homens por esta divindade. Filha querida e confidente de RÁ. Sobre sua cabeça há uma pena de avestruz, ideograma de seu nome. Esta mesma pena aparece no ritual funerário, ocupando um dos pratos da balança que pesa o coração do defunto. É bom lembrar que o "leve" neste mundo é "pesado" no outro e vice-versa. É a deusa da lei e da justiça.



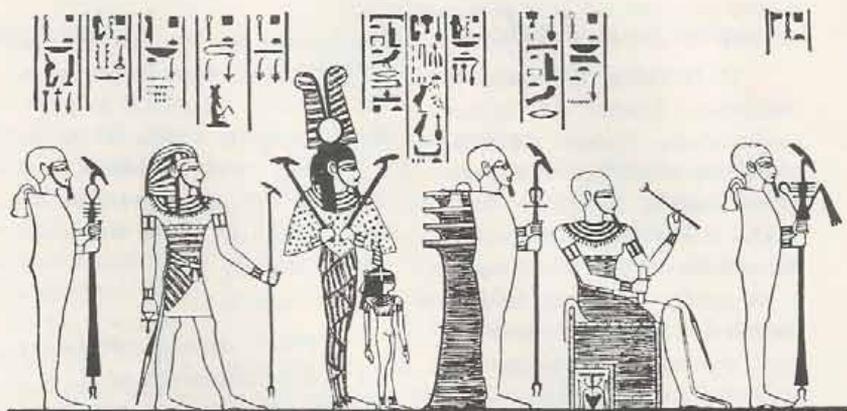
Diversas representações de MAAT.

ANÚBIS: filho de OSÍRIS e NÉFTIS. Embalsamador e guardião dos defuntos. Tem um duplo sentido, pois os iniciados também eram considerados mortos para o mundo material. Todas as



Acima, diversas representações antropomórficas de THOT com cabeça de íbis ou com a de cinocéfalo, simbolizando, neste último caso, o conhecimento do passado.

cerimônias psicopômnicas eram por ele presididas. Com ÍSIS, THOT e NÉFTIS "reconstroem" OSÍRIS ressuscitado do mito osiriano. Seus santuários estavam localizados no mais recôndito dos templos. Seu senhorio impera no limiar de todas as coisas: vida-morte, sonho-vigília, etc. Nas "noites" de qualquer situação de consciência envia mensagens para os vivos. Posteriormente, foi associado só à morte física e à mumificação.



Diversas representações de PTAH



ANÛBIS

Os quatro filhos de HÓRUS são HAPI, MESHTA (ou AMSET), TUAMUTEF e QUEBSENUF: divindades dos quatro pontos cardeais. Protetores do corpo do defunto. Durante a V dinastia também regiam a vida no outro mundo. Suas figuras rematam os vasos canópicos que continham as vísceras.

HAPI representa o Norte e protegia as pequenas vísceras.

MESHTA (ou AMSET) representa o Sul e protegia o estômago e os intestinos.

TUAMUTEF representa o Leste e protegia o coração e os pulmões.

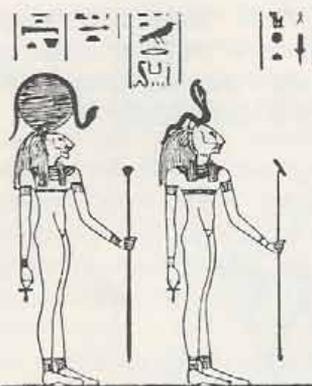
QUEBSENUF representa o Oeste e protegia o fígado, rins, pâncreas, etc.

Outras divindades do Egito.

Tríade de Mênfis

PTAH: princípio de Luz e Vida, por meio do qual se efetuou a criação, ou melhor dito, a evolução. É o Logos, o criador egípcio, o demiurgo. Segundo Heródoto, devia ser uma divindade muito antiga, pois tinha um templo erigido por Menés, primeiro rei do Egito. Simboliza a sabedoria do intelecto. No ritual dos mortos é chamado "pai dos pais e de todos os deuses, engendrador de todos os homens, produzidos por sua substância; tu és sem pai, sendo gerado por tua própria vontade; tu és sem mãe, tendo nascido pela renovação de tua própria substância da qual a substância procede". Deus do Fogo e da Vida como características do sopro vital de que necessitam todas as criaturas para sua existência. Seu nome significa "o que abre", isto é, o que dá passagem à Vida e à Morte, não como contrários. É o assento ou localidade do Sol.

SEKMET: deusa do destino. Precipita o resultado das sementes cármicas acumuladas, especialmente sobre os homens. Vantagem e desvantagens, felicidade e dor. Aspecto temível do destino, entretanto, sua ação é benéfica pois restabelece o equilíbrio perdido.



Dois representações de SEKMET

NEFERTUM: este jovem deus "alegrava com sua presença o coração do deus Sol em cada amanhecer". Tinha como símbolo a flor de lótus, que traz sobre sua cabeça.

HAPI

MESHTA

TUAMUTEF

QUEBSENUF





NEFERTUM

Tríade Tebana do Império Novo

AMOM: deus solar. Sol que está por detrás do Sol. Associado a RÁ, seu suporte celeste, mesmo assim guardou seu caráter oculto como sol da justiça ou sol espiritual. De AMOM provinham os dons da profecia e dos poderes que hoje chamaríamos parapsicológicos. O carneiro e ganso foram seus símbolos.

MUT: leva uma touca em forma de abutre. H. P. Blavatsky a identifica com a luz. Chamada a deusa-mãe, deusa primordial a cujo poder se atribui o nascimento dos deuses.

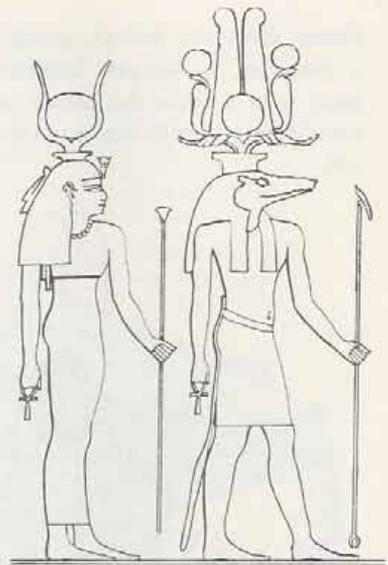


AMOM, MUT e KHONSU

KHONSU: filho de AMOM e MUT, personificação da manhã. É o Harpócrates tebano, pois, como HÓRUS, oprime com seu pé um crocodilo, emblema da noite e das trevas (SEBEK, uma forma de TIFON). Nas fórmulas mágicas é invocado como "saudador de enfermidades" e "exterminador de todo o mal".

Outras divindades importantes.

HATHOR: divindade dos misteriosos e múltiplos poderes. Representa o poder *Anima Mundi* multiplicando a vida. Ébria de vida, é criadora de tudo quanto vive, incluindo o sol. Representada por uma vaca, paralelo de uma "vaca cósmica". Seu poder anima e veste com peles, músculos, nervos, sangue, textura, volume, cor, etc., todo o universo. Protetora do feminino como potência germinativa. Sua coroa é de chifres de vaca e usualmente aparece munida de sistro, instrumento musical que espanta os espíritos contrários à vida. Sua música também representa o enfeitiçamento do amor sensível. Ganhou imensa popularidade como deusa da alegria e do amor. Seu templo foi chamado "a casa da intoxicação" (por estímulos sensoriais). Nutre com seu leite tudo quanto vive. Seu principal santuário estava em Denderá. Os gregos a identificaram com Afrodite.

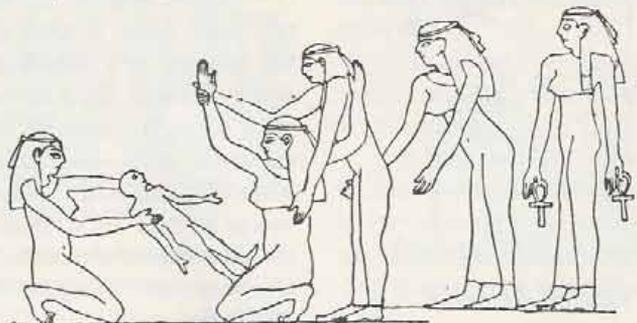


HATHOR e SEBEK.

SEBEK: o texto das pirâmides o menciona como filho de NEITH. No dia da criação, quando águas e terras estavam separadas, surgiu SEBEK em forma de crocodilo, depositando na terra, ainda úmida, seus ovos. É o símbolo do demiurgo semeando os arquétipos de vida sensível, fonte de todo o mal em relação à vida espiritual. Identificado com SETH, porque este assumiu sua forma quando perseguido por HÓRUS. Foi venerado em Fayum e seu santuário foi construído em Shedet, Crocodilópolis segundo os gregos.

SESHAT: esposa de THOT, o aspecto feminino deste deus. Deusa da escrita e da história.

Abaixo, as Hathors assistindo o nascimento de Cleópatra. Prediziam o destino dos recém-nascidos.

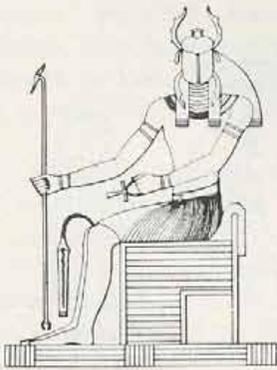


Como divindade estelar, presidia a medição do tempo. Determinava, com a ajuda dos astros, os eixos para construir novos santuários.



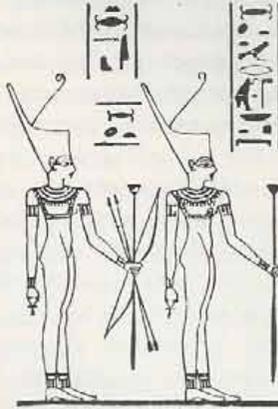
SESHAT

KHEPRI (ou KEPHER): símbolo do disculpado e da ressurreição da alma. O “despertar e recordar”. Como o besouro, os homens se arrastam pela vida até um momento em que se recordam da sua condição de vôo. Então voam reconhecendo-se com sua natureza celeste e metafísica. “Somos deuses e o havemos esquecido”, dizia Platão. Representa o homem com consciência no caminho de retorno. Literalmente, significa: reconstruir, chegar a ser.



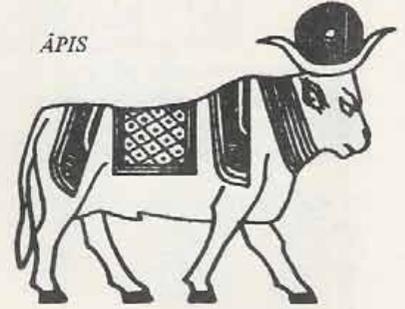
KHEPRI ou KEPHER

NEITH: deusa do Delta. Divindade guerreira e protetora da mulher e das artes domésticas. Chamada a rainha do céu. A deusa Lua no Egito. Por aparecer frequentemente armada de arco e flecha, os gregos a assimilaram ao seu conceito de Palas Athena. Segundo o dicionário Pierret, seu culto em Sais desempenhava um papel semelhante a HATHOR. No panteão egípcio, esta palavra (NEITH) significava “UM - SÓ - UM”, porque em sua religião popular ou exotérica os egípcios se negavam a especular acima da terceira manifestação que procede do Desconhecido-Incognoscível. Chamada também a “mãe dos deuses”, personifica a abóbada celeste. Num papiro do Louvre, NEITH diz ao defunto: “Sua mãe NEITH o receberá em paz e o protegerá nas vidas e nas mortes”.

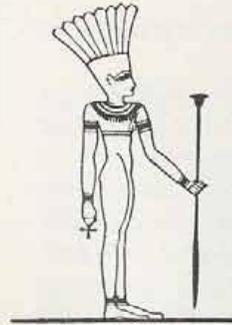
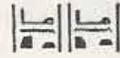


Representações de NEITH.

ÁPIS: quando o primeiro raio solar tocou o limo do Nilo fez aparecer esta divindade. Simboliza a origem dupla do homem: sol e barro. Símbolo de OSÍRIS, encarnado da mesma forma como o cordeiro, simboliza o Cristo. Na morte de cada boi ÁPIS seu cadáver era depositado num grande sarcófago, no “Serapeum” perto de Mênfis.



ÁPIS



ANOUKIS: adorada em Elefantina como a Deusa das Cataratas.

BES: chamado senhor de Punt, terra em que possivelmente teve origem. É a única figura representada de frente, contrariando o costume egípcio de desenhar de perfil. BES era jovial, beligerante e gostava de dançar. Gênio familiar, ganhou popularidade rapidamente e foi associado aos partos e nascimentos divinos. Protegia contra espíritos e animais ferozes.



Representações de BES

TOERIS: divindade representada pela fêmea de um hipopótamo, grávida. Protetora dos partos, apóia sua mão sobre uma figura que se assemelha a um útero. Nenhuma mulher egípcia dispensava um amuleto com sua figura, durante a gravidez. Com sua forma se representava a constelação da Ursa Maior, como se pode ver no zodíaco de Denderá.



TOERIS

SILKIT: junto com ÍSIS, NEITH e NÉFTIS, vigiavam a urna que continha os vasos canônicos. O escorpião que se apóia sobre sua cabeça significa punição para os profanadores. Aspecto atributivo da justiça por infringir a lei do sagrado.



SILKIT

KHNUN: possivelmente um aspecto de ATUM. Seu culto se realizava em Heliópolis. "Nascido de si mesmo", foi honrado como deus da fecundidade e da criação. Segundo os egípcios, moldou num torno de ceramista o universo inteiro.



KHNUN

O homem e o divino.

Uma cultura depende da qualidade de seus deuses, da configuração que o divino toma ante o homem.

Como nasceram os deuses? Foi o homem, despertando de sua letargia, que os fez nascer na sua consciência, descobrindo um mundo que saía do Caos e onde os deuses eram os hiatos do modo em que o mundo e as coisas vieram a ser. O nascer desta consciência dividia o mundo em duas frações, aparentemente irreconciliáveis: o sagrado e o profano.

Amigo leitor: como diz o Eclesiastes, tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu; há um tempo de reunião e outro de dispersão, e assim sucessivamente...

O abismo da descontinuidade das coisas nos faz pensar na morte de tudo quanto nasce, inclusive os deuses. Porém, morrem os deuses definitivamente? Embora os deuses que presidem uma cultura se volatilizem, ficando seus nomes e iconografias como

conceitos para os estudiosos, a poesia e a filosofia os faz "renascer". O que pode desaparecer é a forma, o molde humano duma concepção espiritual, dum anseio.

Os deuses do Egito nos desafiam a encontrar os ângulos do Enigma que todos eles representam. São como as contas de um grande terço que um povo, um tempo, usou nas suas orações. Este povo, este tempo, foi o espaço imprescindível, nada mais que o eco do Verbo do sagrado. Dizer sagrado é dizer obscuro, ambíguo, arcano. O Arcano não está no tempo ou no espaço, porém pelo tempo e pelo espaço nasce para as culturas transformado em Mistério, e agora, sem perder sua natureza, parece acessível. Para os egípcios, isto significava viver aqui e ter aonde ir amanhã.

Desconte o leitor as distâncias psicológicas que nos separam desta civilização, tente reconstruir, a partir de ossos esbranquiçados, o ser que os animou e, ainda que somente veja espectros fantasmagóricos, poderá construir com eles seu próprio sonho de Deus.

O que segue é uma versão traduzida pelo renomado egiptólogo Champollion, duma profecia atribuída a THOT:

Ah! Meu filho! Dias chegarão em que os sagrados hieróglifos parecerão ídolos, porque o mundo terá por deuses os emblemas do caos e da mentira.

E acusarão o glorioso Egito de haver adorado a montros infernais Mas aqueles que deste modo nos caluniarem

adorarão a morte em lugar da Vida e a loucura em vez da Sabedoria...

BASILIO PAWLOWICZ

O Misticismo em Mestre Eckhart

Singrar este oceano de "águas tenebrosas" (visão tradicional da Idade Média) nos leva a ancorar nas grandes ilhas da superfície: Santo Anselmo, Alberto Magno, Santo Tomás de Aquino, João Duns Escoto... e tendemos a relegar aquelas ilhas menos emersas que, por vezes, têm bases tanto ou mais alicerçadas.

A opacidade medieval, além disso, não é maior do que em qualquer outra época (o fato é que procuramos enxergá-la com nossas próprias lentes obnubiladoras de hoje), tornando-se natural, portanto, assistirmos à sua ressurreição em conceituados historiadores como Etienne Gilson e Regine Pernoud. "A noite de mil anos" transforma-se na "noite de dois ou três séculos" e faz ressurgirem auroras profusas em tentativas do homem rumo à compreensão do cosmos — no qual se acha inserido, de modo inevitável.

Mestre Eckhart é uma dessas fontes luminosas que nos ofusca pela riqueza e dimensão de suas idéias, frutificadas, sem dúvida, a partir de uma profunda experiência pessoal. Um homem que tentou a admirável síntese entre mística e escolástica e, por apostar nisso, revelou-se dialético; mas nele o dialético e o místico não se contrapõem, antes se complementam. A fundamentação de sua metafísica não se detém ante a rígida e pétrea estrutura eclesiástica, e tal fidelidade à sua intuição do divino vai lhe custar caro. "Certo é também que Eckhart, em seu modo de exprimir-se, não soube ater-se à sábia moderação dos grandes místicos do feito de um São Bernardo ou de um São Boaventura; não foi, pois, sem razão que lhe lan-

çaram a censura de propor doutrinas ousadas e de sabor herético." (1)

Considerado pai do misticismo alemão, Johannes Eckhart nasceu em Hochheim, Turígia, em 1.260. Seu misticismo porém não é como o de uma Santa Teresa D'Ávila, onde a proliferação de imagens e símiles traduzem um misticismo empírico-moralista, repleto de puro sentimento, que tanto enobrece a grande santa espanhola. Eckhart é metafísico-racional e seu misticismo expressa-se, muitas vezes, por afirmações categóricas e paradoxais, o que levou Jung a dizer que "a analogia do *satori* com a experiência ocidental é confinada a uns poucos místicos cristãos cujas palavras, pelo amor ao paradoxo, estão na fronteira da heterodoxia, ou mesmo a ultrapassaram. Foi esta qualidade que acarretou a Mestre Eckhart a condenação da igreja." (2)

Aliás, essa aproximação entre a mística eckhartiana e o Zen-Budismo é extensamente analisada por uma das maiores figuras do Zen, D.T. Suzuki, que considera Eckhart um "cristão" bem singular, *sui generis*, e faz comparações como, por exemplo, a da idéia budista de iluminação universal (quando Buda alcançou a iluminação percebeu que todos os seres, tanto os sensíveis quanto os insensíveis, já se encontravam na própria iluminação), e a afirmação de Eckhart: "o amor de Deus por si mesmo, que contém seu amor por todo o mundo". (3)

Thomas Merton questiona até que ponto o estudo de Suzuki foi realmente sobre o "misticismo cristão e budista"; teria sido, na verdade, entre Eckhart e o Zen,

pois, para o monge trapista é um tanto arriscado tomar Mestre Eckhart como representativo do misticismo cristão. Reconhece entretanto a validade do trabalho de Suzuki ao dizer que este não comparou a teologia mística de Eckhart com a filosofia budista dos mestres Zen, mas sim a experiência de Eckhart, ontológica e psicologicamente, com a experiência Zen. (4)

Mas... quem era este místico alemão?

Pertencente à ordem dos dominicanos, Eckhart doutorou-se em teologia em Paris, onde foi nomeado Ordinário da Faculdade como exegeta dos textos bíblicos (é a partir de então que começa a ser chamado de Mestre, Meister). Desempenhou alguns cargos em sua ordem; dirigiu a escola teológica em Estrasburgo e nos últimos anos de sua vida ensinou em Colônia. Aí, foi-lhe movido um processo por heresia. Retratou-se condicionalmente de suas doutrinas e apelou para o Papa (alegava ser incorreto tomar algumas de suas proposições isoladamente de toda a obra). Morre porém antes de ser publicada a bula que condenava vinte e oito proposições extraídas de sua obra (27 de março de 1329). Eis parte da bula condenatória de João XXII:

"Em verdade, é com dor que fazemos constar que nestes tempos um habitante das terras alemãs, cujo nome é Eckhart, e que se diz doutor nas Sagradas Escrituras e professor da Ordem dos Pregadores, quis entender mais do que era necessário e, com presunção, desacatando as diretrizes da fé, apartou seu ouvido da verdade entregando-se à ficção." (5)



Mestre Eckhart

E que idéias eram estas que tanto inquietaram a Igreja?

Eckhart distingue entre Deus e Divindade, sendo esta uma realidade que está além de Deus. Deus o é enquanto processo trinitário, criacional, um princípio ativo surgido no seio do oceano de passividade — a Divindade. Deus é ao mesmo tempo UM e TRINO. “Deus ama-se no homem; o homem realiza-se e ama-se em Deus, ambos comungam na mesma Divindade.” (5)

“E quanto ao mundo, Deus nunca o teria criado se o ser-criado não fosse o mesmo que o criar. Por isso Deus criou o mundo de tal modo que continua ainda a criá-lo sem cessar. Tudo o que é

passado e futuro é estranho e alheio a Deus”. (5) O Deus de Eckhart é um Deus do presente. Esta idéia de co-eternidade entre o Criador e a criação é provavelmente uma herança filosófica dos árabes (Averróis, em especial) e, ainda, esta ênfase no presente constitui um outro fator de aproximação ao Zen-Budismo.

“É próprio de Deus o produzir todas as coisas por causa de si mesmo, isto é, não visando a nenhum porquê fora de si mesmo, mas tão somente ao por-causa-de-si-mesmo. Ele ama pelo amor e opera pelo operar. Se pois o homem tem amor a ele e a todas as coisas, e pratica todas as suas obras sem visar à retribuição, à honra ou ao bem-estar, mas a Deus e a Sua glória somente, isto é sinal de que é filho de Deus.” (5) Que extraordinária convergência com a “reta ação” contida no *Bhagavad Gita*, o milenar canto hindu!

Segundo Giuseppe Faggin, a culpa cumpre para Eckhart uma função dialética na vida moral: “Deus é eterno presente. Portanto, tampouco a alma tem valor espiritual a não ser na atualidade do presente. O haver pecado deixa de ser pecado apenas sintamos a dor de havê-lo cometido: o arrependimento renova o amor do presente e o fortalece. O passado, por pior que tenha sido, se apaga com um ato de amor e de entrega.” (6)

Precisamos ponderar bem esta idéia pois, se o Deus de Eckhart é um Deus do presente, não podemos pensar em pecar agora para arrependermos no futuro. É no presente que Ele é e espera por ti! Urge conquistá-Lo a todo e a cada instante! Ponderemos ainda nesta outra frase do Mestre: “Guarda isto: mesmo que eu não faça nenhuma ação má, mas tiver a vontade para o mal, pequei como se tivesse feito a ação realmente.” (7)

Eckhart, com seu intelectualismo instrumental, nos adverte do perigo de cairmos nas peias conceituais do próprio intelecto: “O homem não deve se contentar com um Deus pensado, pois quando o pensamento passa, passa também Deus. Deve-se, antes, possuir um Deus essencial que incomensuravelmente ultrapassa os pensamentos do homem e toda criatura. Este Deus não passa, a menos que o homem voluntariamente se aparte Dele.” (7)

O Mestre nega que as criaturas tenham uma realidade própria e reduz o ser das criaturas ao ser de Deus. “Todas as criaturas são um puro nada. Não digo que sejam algo insignificante ou que sejam, em geral, algo: digo simplesmente que são um puro nada.” (7) Enquanto criaturas, somos nada. Mas cada criatura carrega dentro de si a idéia de Deus, pois “Deus é profusamente rico e por isso que é UM. Com efeito, Ele é o primeiro e o supremo pela simples razão de ser UNO. Por isso o UM desce para todas as coisas e para cada coisa singular, mas continuando sempre a ser UM e unindo as coisas separadas. Por isso o seis não é duas vezes três, mas seis vezes um.” (8) Vemos nesta passagem a presença do neoplatonismo em Eckhart. A idéia de Deus que cada homem traz em si Eckhart chamou de “centelha, chama”, indestrutível em nós e capaz de nos revelar a Deus.

Há em nós um ser formal (criatura) e um ser virtual (o ser que é o ser de Deus). Enquanto seres formais, o que se passa é que tal chaminha se encontra encoberta, tal qual uma fonte entupida pelo entulho. Ao propor o retorno a Deus, Eckhart propõe nada mais a não ser que tiremos este entulho, que é nada, e assim deixemos a fonte jorrar. O retirar o entulho, o desapegar-

se da criatura, exige uma superação de todas as formas de apego ao eu e ânsia de posse. O homem que vivencia tal centelha é o homem nobre, o ideal de Mestre Eckhart.

“O homem nobre colhe e tira todo o seu ser, todo o seu viver e sua bem-aventurança somente de Deus, com Deus e em Deus, e não do conhecer, contemplar ou amar a Deus, ou de algo semelhante. Por isso, diz nosso Senhor, em palavra feliz e memorável, que a vida eterna consiste nisto: em se conhecer a Deus por único Deus verdadeiro (Jó-17.3), e não; em conhecer que se conhece a Deus. Com efeito, como poderia conhecer-se como conhecendo-a-Deus o homem que não se conhece a si mesmo?” (9)

Para se chegar ao homem nobre, é preciso estar em completa disponibilidade, em perfeito desprendimento (*Abgeschiedenheit*).

Devemos estar livres de nossas próprias coisas e ações; não significa que não podemos ter poses ou ficarmos inertes, mas sim que não devemos estar apegados, atados, encadeados ao que possuímos, ao que temos, e nem mesmo a Deus. Nas palavras de Eckhart: “Se um homem deixou um reino e todas as coisas e se não tiver deixado a si mesmo, não terá, na verdade, deixado nada. Se deixar a si mesmo, embora fique na honra e na riqueza ou continue a possuir o que quer que seja, o homem deixou efetivamente tudo.” (7); e prossegue o Mestre: “Quanto mais nos pertencemos a nós mesmos, menos pertencemos a Deus.” (7)

Ao despojarmos a criatura de tudo, aproxima-la-emos daquilo que ela realmente é: nada; e restará em nós aquilo que realmente somos: o Ser, uno e idêntico a Deus; desentulhado e com a centelha a brilhar.

“O desprendimento toca tão de perto o nada, que não há o que se interponha entre o desprendimento perfeito e o nada.” “. . . Quando o espírito livre se mantém verdadeiramente desprendido, ele força Deus a vir ao seu ser; e, se pudesse subsistir sem forma alguma e sem quaisquer acidentes, ele assumiria o próprio ser de Deus.” (10)

A oração perfeita, para Eckhart, é aquela que nada pede e harmoniza-se com a vontade reta, ou seja, quando não há ligação com o próprio eu. Trata-se, no fundo, de um “negócio justo”, diz Eckhart, “de uma troca proporcional”, pois “na medida que saís de todas as coisas, nesta mesma medida — nem mais nem menos — Deus entra em ti com tudo o que Ele tem.” (7)

Eckhart define “pessoas preocupadas” como “pessoas cheias de si mesmas”. Sempre dizem: “Ah, Senhor, eu gostaria tanto de estar bem com Deus; gostaria de ter a piedade e a paz com Deus; como gostaria que acontecesse isso comigo!” Há outros que dizem: “Eu preciso viver no estrangeiro ou num eremitério ou num convento.”

“Ora, nisso tudo se esconde o teu eu e nada mais! É o teu egoísmo, mesmo quando não tens consciência disto, nem o creias: jamais irrompe uma intranquilidade em ti que não venha do teu egoísmo, quer o conscientizes, quer não. Não é por isso que este modo de ser ou estas coisas te criam obstáculos. Não é por estar aqui ou acolá. És tu mesmo o obstáculo para ti mesmo nas coisas, pois te relacionas erroneamente com elas.” (7)

A experiência mística não tem história pois se esgota em um ponto inexpressável. Eckhart tentou expressar-se e o que vimos aqui foi apenas um leve esboço de um pensamento que é mais

profundo e mais complexo. Chega um momento em que o intelecto esbarra em si mesmo e pede apoio à experiência, pois compreender o pensamento de Eckhart a fundo implica em vivenciá-lo.

Entre as lendas sobre Eckhart há uma que relata a aparição que fez a Henrique Suso, seu discípulo, dizendo-lhe que se encontrava eternamente na presença da Santa Trindade, vitorioso.

Não importa o que há por trás do nome “Santa Trindade”; entretanto, se fizermos o que cabe a cada um de nós fazer, um dia Lá contigo estaremos, Mestre.

NILTON ALMEIDA SILVA e
ADRIANA DE CESARE

NOTAS

1. Boehner, Philotheus e Gilson, Etienne, *História da Filosofia Cristã*; Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, 2ª ed., pág. 530.
2. Prefácio de C.G.Jung, in Suzuki, Daisetz Teitaro, *Introdução ao Zen-Budismo*; Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1973, 3ª ed.
3. Suzuki, Daisetz Teitaro, *Mística Cristã e Budista*; Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1976, pág. 25.
4. Merton, Thomas, *Zen e as Aves de Rapina*; Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972, págs. 42 e 43.
5. Eckhart, *El Libro del Consuelo Divino*; Aguilar, Buenos Aires, 1977, pág. 81.
6. Faggin, Giuseppe, *Meister Eckhart e a Mística Medieval Alemã*; ECE, São Paulo, 1984, pág. 27.
7. Boff, Leonardo (coordenador) e tradutores, *Mestre Eckhart — AMística de Ser e de não Ser*; Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, págs. 100-145.
8. Boff, Leonardo, in op. cit., pág. 160.
9. Boff, Leonardo, in op. cit., págs. 90-98.
10. Boff, Leonardo, in op. cit., págs. 148-158.

Astro - Filosofia



Ao falarmos aqui de Astro-Filosofia, trataremos da Astrologia ocidental, que é bem diferente da do Oriente, onde já existia uma filosofia muito elevada no tempo em que os ocidentais ainda eram nômades primitivos. Portanto, o sistema astrológico ocidental desenvolveu-se de acordo com o consciente coletivo que lhe é próprio, independentemente do Oriente.

Segundo os antropólogos do século passado e início do nosso, tem-se a impressão de que o ser humano progrediu em linha reta, isto é, do chimpanzé para o troglodita, do troglodita para o homem fáber, deste para o homem mítico, do mítico para o

autoconsciente, e, finalmente, para o religioso e filosófico.

Esse enfoque primitivo foi logo refutado pela visão teosófica de Madame Blavatsky, que afirmava que a evolução do ser humano surgiu em ondas, de uma raça para a seguinte: da negra para a amarela, desta para a vermelha, da vermelha para a parda, e da parda para a branca; o que parece ser confirmado, parcialmente, por recentes descobertas.

De acordo com essa visão, a raça negra e a amarela surgiram no legendário continente "Mu", que existiu no Oceano Pacífico muito antes de despertar na humanidade uma memória histórica. É bem

possível que a Bíblia faça alusão a esse fato ao mencionar a raça de Caim que, conforme a Bíblia, Deus aniquilou na 7ª geração.

O continente "Mu" teve, provavelmente, colônias na costa leste da Ásia, onde deixaram inscrições que permitem concluir que, anterior à cultura chinesa — de raça amarela — e à dravídica — de raça negra —, já existia nas costas orientais da Ásia uma cultura humana. Pelo menos, os chineses afirmam ter recebido o conhecimento dos 64 símbolos do *I Ching*, de um dragão surgido do mar, ou seja, do continente que teria existido, anteriormente, ao leste da China.

A raça negra dos drávidas que, inicialmente, habitava o sul da Índia e o norte do Ceilão, tinha, em tempos que antecedem à invasão ariana, de raça branca, uma cultura muito elevada.

A raça vermelha, por sua vez, recebeu seus conhecimentos provavelmente da Atlântida, continente desaparecido no Oceano Atlântico, e que tinha colônias tanto nas Américas como nas costas da Europa. Documentos do conhecimento dessa raça foram destruídos durante o Dilúvio, que inundou a Europa e a Ásia Menor em consequência do afundamento da Atlântida.

Os sacerdotes egípcios só tinham uma vaga memória do continente desaparecido; entretanto é possível que a origem de sua cultura houvesse surgido nesse continente. Do outro lado do Oceano Atlântico, os documentos dos astecas e dos maias foram sistematicamente destruídos pelas invasões espanholas nas Américas. Até agora só sabemos que os colonizadores da raça vermelha, os astecas e os maias, devem ter tido conhecimentos astronômicos muito avançados.

Enquanto essas três raças anteriores, a negra, a amarela e a vermelha, já se encontravam no auge de sua cultura, a raça parda, dos semitas, estava ainda no estágio cultural de pastores, sem residência própria, peregrinando com os seus rebanhos de um vale para outro. Por seu lado, os arianos, de raça branca, ainda eram caçadores. A evolução cultural destas duas últimas raças ficou atrasada por milhares de anos devido ao Dilúvio que atingiu a ambas simultaneamente.

Talvez, por essa memória que eles têm em comum, exista uma relação estranha entre os semitas e os arianos, como se fossem gêmeos de sexo oposto. Nota-se essa oposição, por exemplo, na escrita: os semitas escrevem da direita para a esquerda, enquanto os arianos o fazem da esquerda para a direita. Grafologicamente, isso significa que os semitas são mais extrovertidos: apanham os conheci-

mentos dos fatos do mundo para tirar conclusões no seu interior. Os arianos, entretanto, levam os fatos íntimos para fora, obtendo conclusões no mundo exterior.

A mesma inversão é encontrada nas línguas das duas raças. As primeiras palavras que o ser humano conhece são "pai" e "mãe"; pois bem, em hebraico estas palavras são *AB* e *AM* respectivamente; entretanto o ariano diz *PA* (pai, papa) e *MA* (mãe, mama).

Assim, ao falarmos de Astro-Filosofia, deveremos considerar tanto a astrologia cabalística ou semítica quanto a ariana, que foi propagada pelos gregos. Ambas têm raízes e parte do inconsciente coletivo em comum; não assim as astrologias chinesa e indiana que, apesar de chegarem aos mesmos resultados, partem de princípios diferentes.

Dissemos que a raça ária está ligada à semita pela experiência do Dilúvio; calcula-se que essa catástrofe tenha acontecido pelo ano 8.000 antes de nossa era. Alguns de seus sobreviventes refugiaram-se nas altas montanhas: os futuros egípcios nas alturas do Atlas; os celtas e os etruscos nos Alpes; os semitas no Cáucaso e os arianos nas cercanias do Pamir, perto do Himalaia.

Este último grupo, que se autodenominava "ariano", tinha a mesma língua; posteriormente esta se diferenciou dando lugar ao sânscrito, grego, eslavo e germânico, que por sua vez, no decorrer do tempo, deram origem a outras línguas européias, por exemplo, latim, francês, inglês. Não obstante, ainda hoje podemos encontrar em todas elas muitas palavras cuja raiz linguística é a mesma.

O grupo que se refugiou no Pamir migrou para o leste à procura de pastos para seus rebanhos; assim, atravessaram os desfiladeiros do Himalaia e desceram para o vale do Indo. Encontraram lá um povo de raça negra, os drávidas, mais evoluído do que eles, e que os receberam hospitaleiramente. De religião muito tolerante, pacifistas convencidos, transmitiram aos imigrantes suas idéias filosóficas e religiosas, iniciando os príncipes comandantes das invasões árias nos mais altos graus hierárquicos da sua religião. Sendo os arianos de espírito mais guerreiro, pediram-lhes para defender as fronteiras do país, que de fato eram pequenas, pois a maior parte da península está cercada pelo mar; ao norte, as alturas do Himalaia formam um limite natural.

Desta maneira formou-se na Índia o sistema de castas: os sacerdotes, chamados brâmanes, descendentes dos drávidas de raça negra; os *kshatriyas*, príncipes guerreiros, descendentes dos invasores de raça branca — ambos são os "duas vezes nascidos" pois foram iniciados nos segredos da religião

bramânica; a terceira casta é a dos agricultores e comerciantes, os *vaishyas*, e, por último, os *sudras*, destinados a trabalhar para os outros.

Os brâmanes, além de ensinarem sua religião aos *kshatriyas*, lhes transmitiram conhecimentos astronômicos, em parte superiores aos da nossa atual astronomia ocidental. Eles afirmavam que um cosmos surge através de uma explosão no Éter Universal, e que esse cosmos se desenvolve em quatro períodos de milhares de anos, a que chamavam *yugas*. No primeiro *yuga* existe uma humanidade quase divina que vai degenerando sucessivamente, tornando-se cada vez mais material, até ser destruída no quarto *yuga*, o *Kali-Yuga*. A presente humanidade encontra-se nesse quarto *yuga* e será destruída para dar lugar à existência de um novo universo, um novo *manvantara*. Conforme a astronomia indiana, este é o 13º cosmos, que será sucedido por um superior, o 14º.

Fundamentada numa astronomia tão elevada e num inconsciente coletivo tão diferente do nosso, a astrologia indiana, e o mesmo dizemos da chinesa, não nos servem como suporte; assim sendo, voltamos à astrologia ocidental.

No Ocidente, os primeiros que abandonaram seus refúgios nas montanhas foram os egípcios os celtas e os etruscos que, encontrando terras férteis ao redor do Mediterrâneo, ali se instalaram por volta do ano 4.000 a.C., desenvolvendo culturas proeminentes.

Os arianos demoraram mais tempo em deixar o Pamir; os eslavos ficaram nas estepes da Rússia; os futuros germanos dirigiram-se para o norte da Europa; os futuros gregos invadiram o Peloponeso. Todos eram ainda pastores; entretanto, quando acharam terras produtivas, as mulheres insistiram para se instalar nelas e construir casas, abandonando assim as tendas que, até então, usavam.

Enquanto os homens caçavam, as mulheres cultivavam pastos para o gado, e criavam os filhos; desta maneira elas incentivaram a arquitetura, a agricultura e a pecuária.

Estes grupos humanos não tinham ainda a noção de família e sim a do clã, conjunto de famílias ligadas pelo parentesco. A mulher tinha o papel mais importante; assim, o sobrenome dos filhos era o do clã materno; o irmão mais velho da mãe possuía maiores direitos sobre os filhos do que o próprio pai. Os antropólogos chamam a este período histórico de Matriarcado.

Os egípcios, provavelmente por conhecimentos astronômicos herdados da Atlântida, sabiam que, aproximadamente de 2.000 em 2.000 anos, há modificações na mente e nos conceitos da huma-

nidade. Atribuía-m tais mudanças à posição do nosso sistema planetário na Via Láctea, girando através dos espaços zodiacais no sentido dos ponteiros do relógio (para nós, hoje, o Sol gira de mês em mês em sentido oposto). Os gregos, que não eram astrônomos, devem ter recebido esse conhecimento dos egípcios, segundo o qual no Grande Ano, do ano 6.000 ao 4.000 a.C., foi quando o sistema solar se achava no espaço de Gêmeos, e que se caracterizou pelas grandes migrações. Do ano 4.000 ao 2.000 a.C., o Sol achava-se no signo de Touro, e foi a era do Matriarcado.

Nesta era, já dissemos, os homens ocupavam-se da caça, passando as noites nas florestas à espera dalguma presa que fosse beber água nos rios. Enquanto aguardavam, observavam o céu estrelado, que lhes mostrava um mundo novo e milagroso, e viam as estrelas cintilantes, que apareciam sempre formando constelações; e ainda outros astros, coloridos e de luz firme, que corriam pelo céu como se estivessem planejando alguma coisa. Sentiram que a passagem do planeta vermelho os excitava, enquanto a luz azul de um outro planeta os acalmava; ao primeiro chamaram Ares (Marte), nome do seu deus da guerra, e deram ao segundo o nome do seu deus da ordem celeste, Zeus (Júpiter). E assim fizeram com os demais astros.

Observando o crescimento e a minguação da Lua num ritmo de 28 dias, concluíram que a natureza agia de modo diferente em cada luação. Daí, por exemplo, que no início da primavera, toda a natureza parecia acordar dando novos impulsos à vida, e os dias e as noites eram iguais. A energia desenvolvida nesta época do ano se parecia à do carneiro que conduz seu rebanho e não permite que obstáculo algum impeça o avanço. Repararam, também, que os homens nascidos nesse período do ano mostravam a mesma característica de uma vontade indomável, o que os tornava dirigentes absolutos.

Já na luação seguinte tudo se manifestava de forma diferente. Os campos ficavam verdes e floridos; o rebanho pastava calmamente e, quando saciado, deitava-se mansamente na relva a ruminar pacificamente.

Assim os homens constataram que, em cada luação, o comportamento de todos os seres vivos diferia, concluindo que no céu deveria existir um enorme ser que, através da Lua, mandava impulsos para a Terra, dirigindo tudo quanto nela existia. Descobriram deste modo o sincronismo entre o céu e a Terra, compreendendo que o homem, dependendo do Todo, tem que se ajustar a Ele, pois a vontade do cosmos é superior à humana.

Dividindo o ano em 12 meses, logo perceberam que seus cálculos não coincidiam com os

equinócios que deveriam acontecer após 168 dias, mas que só aconteciam depois de 183 dias. Deveriam, portanto, acrescentar um 13º mês, que os judeus chamavam *Veadar* e que explicam no Antigo Testamento através da história de Jacó que, sendo o terceiro Patriarca, comprou sua primogenitura de seu irmão gêmeo Esaú, o “peludo” (“peludo” é o Sol por ter raios, enquanto a Lua é “lisa” por não os ter), assegurando, assim, seus direitos de herdeiro do pai; Jacó teve, com quatro mulheres (os 4 elementos), 12 filhos (os 12 signos zodiacais) e uma filha, Dinah (o 13º mês). Evidentemente este relato é pura Astrologia, e cabe destacar que, até hoje, os judeus contam com o ano lunar.

A descoberta de não ser a Lua e sim o Sol que influenciava a vida humana provocou, por volta do ano 2.000 antes de nossa era, uma verdadeira revolução no mundo ocidental, onde logo surgiu a seguinte questão: se não é a Lua, o astro feminino, a que transmite a vontade cósmica, mas é o Sol, o astro masculino, então o homem deveria dirigir a família. O Matriarcado deu lugar, então, ao Patriarcado.

Quem especialmente propagou essa nova visão do cosmos foi o povo grego que, emigrando do Pamir, chegou através da atual Rússia, até o Peloponeso e o Mar Mediterrâneo, invadindo, pelo ano 1.800 a.C., a elevada cultura matriarcal de Creta. Lá, imediatamente, decretaram os gregos a lei de que no futuro os filhos teriam que usar o sobrenome do clã paterno e não mais do materno. Esta lei foi logo adotada por todos os povos que habitavam as cercanias do Mediterrâneo, exceto os ibéricos, futuros espanhóis e portugueses, únicos que, até hoje, usam o sobrenome materno junto com o do pai. Eles conservaram também as touradas, símbolo da transição da era de Touro para a de Carneiro.

Essa transição aconteceu já em tempos históricos, por isso temos referências sobre a mesma. Na era de Touro, o animal venerado era o próprio touro: no Egito, o touro Ápis com o disco solar entre seus chifres; na Babilônia, Baal foi adorado em forma de um touro; na Pérsia, Ahura Mazda, o deus superior, criou um touro, símbolo de sua divindade. Com a matança desse touro, Mitra iniciou a era seguinte, a de Carneiro.

Também na Bíblia encontramos a luta mental entre os conceitos humanos das duas eras. Moisés, voltando do Sinai, encontra seu povo cultuando um “bezerro de ouro”, significando com isso sua resistência em seguir Moisés, iniciador da era de Carneiro, e o desejo de continuar venerando o Ápis, de tradição egípcia. Moisés era o representante da

nova era, assim o vemos figurado com chifres de carneiro na sua cabeça.

Entre os gregos, o mito dos Argonautas é o relato onde constam as dificuldades surgidas pela transição de uma era para a outra. Em Cólquida, Trácia, existia um “tosão de ouro”, uma pele de carneiro dourada, que estava sob a custódia de um dragão que ninguém conseguia submeter. Assim sendo, Jasão convoca todos os heróis então conhecidos, entre eles o famoso Hércules, a fim de conquistar o tesouro. Embarcam no navio Argos.

Depois de longa viagem enfrentando grandes perigos, chegam finalmente à Cólquida, onde o rei Aetes os recebe cordialmente, sem saber ainda o motivo daquela visita. Ao ser declarado, o coração do rei transborda-se de ira e, com o intento de vê-los bem afastados do seu território, propõe que Jasão dome seus ferozes touros e com eles are a terra, semeando dentes de dragão como se fossem meras sementes; deles brotaria imediatamente uma multidão de monstros que era mister abater, à medida que atacassem.

Auxiliado por Medeia, filha do rei, Jasão obtém êxito na façanha e toma o tosão de ouro.

É interessante notar que os gregos, já nessa época, perceberam que na transição de uma era para a seguinte surgem dificuldades inesperadas para a humanidade, até que esta consegue ajustar-se à nova mentalidade que, sempre, é bem diferente da anterior. É a experiência pela qual nós estamos passando agora na transição da era de Peixes para a de Aquário.

Quando o nosso sistema planetário passou do espaço cósmico de Touro para o de Carneiro, a mudança na mente humana foi muito significativa. Coincidiu com a descoberta do ano solar em oposição ao lunar; o matriarcado foi substituído pelo patriarcado e, mais ainda, a era agrícola pela era industrial.

Essa mudança na mente humana, de uma visão matriarcal para uma patriarcal, foi um acontecimento tão importante que a Bíblia se refere a ela como sendo uma interferência de Deus. Antes de “dividir” Adão em consciente e inconsciente, Deus o põe “num sono profundo”; este sono não foi uma anestesia para que Adão não sentisse dor quando lhe foi tirada a, assim chamada, costela⁽¹⁾, mas um adormecimento a fim de aplacar a parte subconsciente de seu cérebro e despertar a parte autoconsciente.

De acordo com a medicina moderna, o lado direito do cérebro nos põe em contato com nosso ambiente através da sensibilidade, e o lado esquerdo o faz através do pensamento lógico. Este pensamento lógico é o que Deus quis que fosse acordado, e para isso era necessário adormecer a parte sensível, que nos animais e no homem primitivo é a parte mais ativa. Levy Bruehl chamava essa sensibilidade de

participation mystique com a natureza, e que foi o que Adão possuía antes de Deus tê-lo adormecido.

A autoconsciência do homem despertou quando este começou a pensar em opostos: bem-mal, eu-tu, etc., e então compreendeu a bipolaridade em cada fenômeno do seu ambiente. Tudo quanto se pode tocar ou conceber é bipolar, e encontrar o caminho do meio entre as duas polaridades é pensar logicamente por tese-antítese e síntese.

Esse pensamento lógico fez com que o homem desvendasse muitos segredos da natureza, e até descobrisse a bomba atômica, mas também fez com que a parte sensível do seu cérebro ficasse cada vez mais inativa, conduzindo o homem ao perigo de destruir seu próprio planeta, justamente por falta da *participation mystique* com a natureza.

No início da era de Carneiro ou do patriarcado, os dois hemisférios do cérebro estavam ainda equilibrados; o homem era tanto sensível quanto lógico. Esta época foi a de maior desenvolvimento filosófico, surgindo, quase ao mesmo tempo, lá pelo ano 500 a.C., Lao-Tseu e Confúcio na China, Buda na Índia, Pitágoras na Grécia, e os Profetas na Palestina. Todos os filósofos que apareceram posteriormente se apoiaram, de um modo ou de outro, num desses grandes iniciadores da humanidade.

Aqueles que nos transmitiram seus conhecimentos de Astrologia achavam que um grande Ser Cósmico criara o universo à sua imagem. Chamaram-no de Zodíaco, isto é, "Círculo de Vida", pois o nome Zodíaco deriva da palavra *zoé* — vida, e não de *zoon* — animal, como foi traduzido frequentemente. Este Ser Cósmico, segundo entendiam, está deitado em círculo, com os pés tocando a cabeça, limitando assim o espaço cósmico. Esse espaço estaria dividido em 12 setores, conforme a regra geométrica pela qual a circunferência de um círculo de certo diâmetro pode ser coberta por 12 círculos cujos diâmetros correspondam ao raio central. Esses 12 círculos estariam divididos em 6 positivos e 6 negativos, sendo o espaço positivo seguido por um negativo, conforme a bipolaridade em cada fenômeno.

A bipolaridade é bem diferente da dualidade. Dual são duas coisas diferentes, por exemplo, água e fogo; água em excesso pode apagar o fogo, e fogo em excesso pode acabar com a água. Polar, entretanto, são masculino e feminino, ou positivo e negativo (receptivo); são os dois extremos de uma mesma coisa. As dualidades repelem-se, enquanto as polaridades se atraem.

Na Kabbala esse grande Ser Cósmico é chamado de Adam Kadmon, diferenciando-se do Adão do paraíso, que é a origem da nossa humani-

dade. Na Bíblia o relato da Criação termina com o Adão que Deus cria à sua imagem, isto é, macho e fêmea, ou seja, andrógino. Depois segue um outro relato em que Deus cria o Adão de barro com o seu sopro (*ruach* = *pneuma* = espírito). O primeiro Adão é o Adam Kadmon, criado andrógino, estado que temos que alcançar para aperfeiçoar a imagem de Deus em nós.

O Adam Kadmon ou Zodíaco é como um enorme útero que eternamente cria a vida. Cada vida, seja vegetal, animal ou hominal, nada mais é do que um retrato instantâneo da configuração do cosmos no momento em que essa vida particular começa. Depois ela se desenvolve no grande útero zodiacal, contribuindo com a sua vida para a Vida Total.

Nossa consciência limitada não consegue perceber a finalidade dessa Vida Total; para termos uma noção do porquê fomos criados, teremos que nos tornar andróginos e aperfeiçoar a imagem de Deus em nosso íntimo.

Quando na primavera o Sol entra no signo zodiacal de Carneiro, lembra a vida na Terra, assim mesmo a vida de cada homem é despertada quando qualquer outro signo zodiacal surge no horizonte no momento de seu nascimento. Esse signo é então chamado de Ascendente e determina o modo como o nativo se conduzirá na vida. Ele nasce com a consciência que conseguiu atingir na sua vida anterior; essa posição é marcada pela posição do Sol no dia de seu nascimento atual. Essa posição também foi o seu Ascendente em sua vida passada, e as experiências feitas pelo nativo com esse determinado Ascendente tornam-se agora consciência ou Sol na sua vida presente. O que foi consciência (posição do Sol) na vida anterior agora é subconsciente, ou seja, a posição da Lua no horóscopo vigente.

A idéia de termos vivido anteriormente já estava presente na humanidade primitiva, cujos homens tinham intenso contato com seus antepassados; portanto não acreditavam na extinção da vida pela morte. A relação intimista com a natureza lhes fez concluir que, assim como na primavera brotam da árvore novas folhas, após ter perdido sua folhagem durante o outono, assim mesmo o homem deve ter uma nova vida após sua morte. A diferença entre a planta e o homem só estaria em que no homem o tronco que desabrocha a nova vida não é visível. Surge deste modo a idéia da reencarnação, comum a todos os povos da antiguidade.

Comparar a vida com uma árvore também foi inspiração da mitologia germânica, onde encontramos este interessantíssimo relato: antes dos homens chegarem à Terra, ela estava coberta pelo gelo; surgiu então uma vaca que se pôs a lamber o

gelo, descobrindo por baixo deste um gigante enterrado, de cujos ossos nasceu um freixo, Árvore da Vida que chamaram *Ygdrasil*. Nas raízes desta árvore moravam as Nornas, Urd (passado), Verdandi (presente) e Skuld (futuro), que teciam os fios da vida. As raízes eram alimentadas pela fonte de Urd, que transmite a memória do passado, enquanto no tronco existia um jardim (*garden*) rodeado por uma serpente que mordida a própria cauda. Essa serpente representava o tempo, que se repete infinitamente entre nascimento e morte. Acima desse jardim, chamado *Midgard*, havia um outro que era dos deuses e recebia o nome de *Asgard*, pois os deuses — projeção dos homens — eram chamados *Asas*.

Havia uma profecia pela qual em certo dia o deus do Céu — Donar, poria fim no tempo, ou seja, na serpente do *Midgard*, esmagando sua cabeça com um martelo no preciso momento em que esta largasse sua cauda. Assim, a noção de tempo desapareceria para sempre; seria o fim de *Midgard* e de *Asgard* no *Ragnaroeck*, a “alvorada dos deuses”, que Wagner narrou na sua ópera do mesmo nome.

Nesse grande cataclisma sumirão *Midgard* e *Asgard*, mas eternamente existirá *Ygdrasil*, a Árvore da Vida, pois a Vida é eterna, como o é o tronco invisível de cada vida humana. Este tronco invisível é chamado por diferentes nomes nas diversas religiões: Individual, Eu Superior, Cristo em nós. . .

Apesar das diversas encarnações, a vibração desse tronco é sempre a mesma, e emana um som ou um nome através do qual seria possível reconhecer certa pessoa nas suas vidas anteriores. Daí a lenda “do nome perdido”, segundo a qual, uma vez que se conheça o “nome” de uma pessoa, se tem poder sobre ela. É também o nome do *Rumpelstilzchen*, no conto de Grim, onde o pequeno demônio é forçado a devolver à princesa sua criança se ela souber pronunciar esse nome.

Assim como a folhagem brota da árvore anualmente, auxiliando o tronco a crescer, assim também as experiências realizadas em cada vida ajudam o nosso tronco invisível a crescer e evoluir.

O nosso horóscopo não indica o grau evolutivo em que nos encontramos, indica apenas o carma ou destino que temos que enfrentar nesta presente vida. A palavra carma já é bastante conhecida no Ocidente; apesar disso vamos focalizar alguns pontos: ela deriva da raiz sânscrita *kri*, que está presente em nossa língua na palavra “criar”. Carma é, portanto, o que criamos nós mesmos através do nosso comportamento em vidas passadas para a presente vida, e nesta para as futuras. Não é um deus que assim nos fez, nem foram os *Lipikas*, anjos que re-

gistraram os nossos atos, como se acreditava na tradição tibetana. Hoje sabemos como funciona um computador, simplesmente atuando através dos dois extremos: sim e não. Portanto é fácil imaginar um computador universal que registra os nossos atos e chega à conclusão do nosso carma presente, o qual é registrado em nosso horóscopo fazendo-nos nascer em determinadas datas e horas.

Para evitar confusões devemos, ainda, chamar a atenção de que sempre falamos de espaços cósmicos zodiacais e não de constelações zodiacais. Quando foi transmitida a Astrologia, há mais ou menos 4.000 anos, as constelações eram encontradas nos assim chamados espaços zodiacais. Nesse tempo, aqueles que tinham tais conhecimentos indicavam a seus alunos as constelações que nesse tempo se achavam nos espaços zodiacais, a fim de que estes encontrassem esses espaços no céu noturno. Entretanto, as constelações migraram, pois todo o cosmos é uma revolução constante, e hoje não mais estão nos espaços que ocupavam há 4.000 anos.

A Astronomia moderna, porém, que não acredita que o espaço possa ter alguma influência sobre o ser humano ou qualquer criatura viva, usa as constelações como pontos de referência para determinar a posição de cada dia (*héméra*, em grego) dos luminares e planetas, e chamam esses registros de “efemérides”. Aproveitando esses registros, os astrólogos usam as efemérides astronômicas e, calculando a diferença surgida pela progressão das constelações, editam efemérides astrológicas. Essa diferença entre a visão astronômica e a astrológica é uma eterna fonte de desentendimentos que, aparentemente, nenhuma das duas partes quer eliminar.

Para os astrônomos o cosmos é uma máquina interessante, cujo funcionamento estudam. Para o astrólogo, o cosmos é um ser vivo e consciente, é a imagem de Deus, é um grande útero dentro do qual todas as criaturas evoluem. Dentro do Grande Ser (macrocosmos) se desenvolve o pequeno ser (microcosmos), o homem. Falaremos desta interação num próximo artigo.

ILSE MARIA SPATH

Johann Sebastian Bach

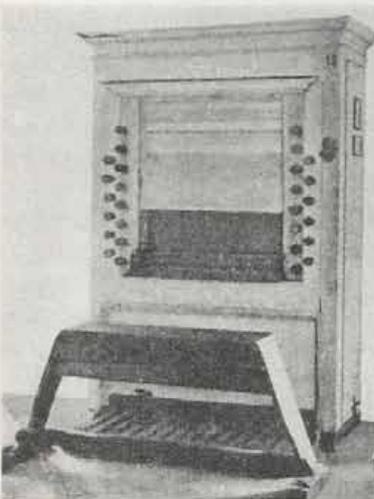
Johann Sebastian Bach nasceu em Eisenach (Turíngia), Alemanha, em 21/03/1685, de uma família de músicos. Órfão, fica sob os cuidados do irmão Johann Christoph, aluno de Pachelbel, em Ohrdruf. Em 1700, vai para Lüneburg onde estuda canto coral, como aluno da Michaelisschule. Aí, teve contato com organistas e oratoristas, como Scheidt e Schütz; com monodistas e liederistas, como Hammerschmidt, Rosenmüller, Crüger e Selle. Ouvindo o organista Böhm, desfrutou dos seus pequenos corais adornados à maneira francesa. Em Hamburg, admirou a técnica do organista Reinken e ouviu os ensaios operísticos de Kusser e de Keyser.

Em 1703 foi para Weimar, como violinista, tendo tido, aí, aulas de violino com Westhoff. Nesse mesmo ano assumiu o cargo de organista em Arnstadt.

Numa viagem a Lübeck, teve a oportunidade de ouvir o organista Dietrich Buxtehude, na Igreja de Santa Maria.

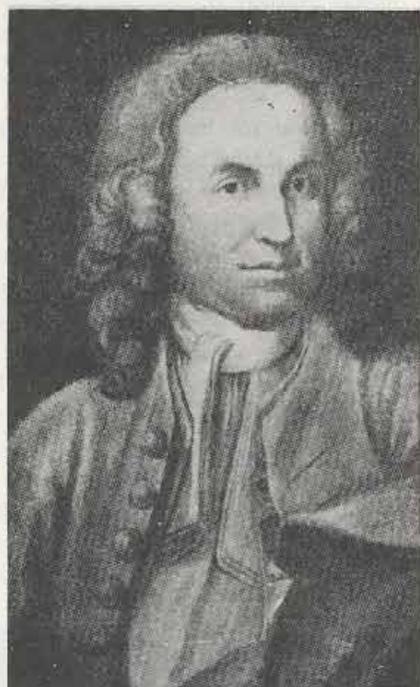
Devido a desgostos e insegurança, em 1707, mudou-se para Mülhausen. Organista em San Blas, dedicou-se à composição de Cantatas. Em especial, a Cantata escrita "para a eleição do Conselho Municipal" (Ratswahl Kan-

tate), agradou tanto ao Conselho que este concordou em honrá-lo com a edição gráfica, sendo esta a única Cantata que Bach viu publicada, em vida. Em 1708, Bach deixou Mülhausen, regressando a Weimar, desgostoso com os pietistas desejosos de reduzir a música à insignificância. Em Weimar, assumiu o cargo de organista da Corte e músico de câmara. Os anos passados em Weimar, em ambiente luxuoso e alegre, refletem-se em suas obras que demonstram um íntimo otimismo. Mais tarde, em Leipzig, prevaleceram a melancolia e a reflexão.



Órgão de Bach em Arnstadt.

Em 1717, por não se ver reconhecido pelos seus valores, e pelos transtornos políticos, Bach mudou-se, a convite, para a Corte de Anhalt. Aí, dedicou-se mais à música instrumental. Em



Johann Sebastian Bach

Köthen, viveu anos felizes pela fecundidade musical e pelo apreço de que se rodeava, porém não tão alegres pelas condições musicais da orquestra da Corte e pelo pouco interesse da princesa reinante. A sorte familiar foi-lhe adversa, porque dos sete filhos que teve com a sua prima Bárbara, somente três sobreviveram, e sua própria esposa faleceu em 1720. Porém, na sua segunda esposa, Anna Magdalena Wülken, encontrou uma companheira inteligente e devotada colaboradora. Dedicado a ela, Bach compôs, em 1722, o *Klavierbüchlein*, entre outros posteriores.

Dando um concerto de órgão em Hamburg, Bach foi surpreendido com a presença do quase centenário Reinken.

Em 1723, devido à indiferença da princesa, Bach decidiu aceitar o cargo de Mestre de Capela na Igreja de São Tomás,

em Leipzig. Era um cargo "pesado", pois quem o aceitasse deveria subministrar uma Cantata por domingo, além de compor outras músicas de ocasião e, ainda, ensinar Latim.

Os anos em Leipzig, última etapa da vida de Bach, foram serenos na vida familiar e luminosos na glória musical; porém, foram duros também, por condições de trabalho, sob a intervenção de reitores ignorantes e pela baixa economia doméstica.

O luto de Leipzig, e da Alemanha, a causa da sua morte ocorrida em 28/07/1750, não correspondeu a tão grande perda. O caráter da sua música fora superado por novas tendências. As condições de sua atividade haviam

limitado a possibilidade de que seus contemporâneos o conhecessem e estimassem.

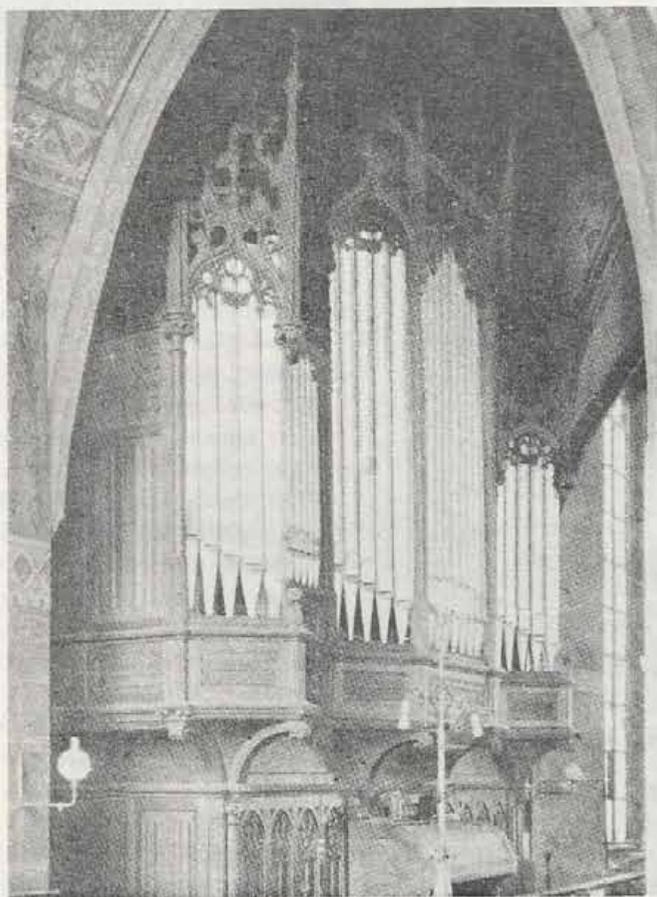
Devemos lembrar qual era o mundo espiritual de Bach, e considerar que ele, nutrido de luteranismo, concebia medievalmente a vida do cristão, com uma angústia contínua, porque se Cristo sacrificou-se para redimir o Homem do pecado, na sua vez, o diabo tentador procura que se esqueça aquele sacrifício para gozar dos bens terrenos. Tenha o Homem a força de rechaçar as seduções; deve pensar que um dia responderá por seus atos ante a presença de Deus e poderá ser condenado às chamas por toda a Eternidade. Eternidade: palavra

circular. Bach quer preencher a consciência humana duma religião que exalta toda a atividade mundana, que tem por base a Terra e por cume o Céu. Uma mística duma atividade individual e universal.

Mas, Bach não era um oficiente. Como todo grande poeta, interpreta em si o mundo, os desejos e aspirações. Sente intensamente e contempla aqui o terreno; levanta os olhos para o Céu, penetra nos seus esplendores. E canta o abstrato dos símbolos, a imagem das divinas pessoas, a visão transcendente, ou bem a representação realista do pecador, de alma tenebrosa e vinculada à Terra ante o horror da culpa cometida e o terror da expiação. Em seus cantos aparecem as vozes dos evangelistas, a do Redentor e as anônimas da Humanidade. O universo da consciência humana e o pensamento individual; latidos débeis e gigantesas pulsações; suspiros, palavras humildes e ecos de céus retumbantes; o Homem e Deus.

Bach é o poeta dum mundo que está todo em sua consciência e do qual é o dramaturgo e o lírico. Luteranismo? Catolicismo? Serviço Litúrgico? Que importa! Em sentido sublime, Bach é ecumênico, porque é universal.

TONYAN KHALLYHABBY



Órgão de Bach, na Igreja de Santo Tomás, em Leipzig.

Introdução ao I CHING

À continuação transcrevemos a segunda e última parte da palestra proferida pelo Prof. Gustavo Alberto Corrêa Pinto, em 19 de maio de 1984, na sede da Associação Palas Athena.

A primeira parte expositiva foi publicada no Nº 37 desta revista, e a que ora reproduzimos consiste no diálogo que se estabeleceu entre o público e o palestrante.

Pergunta: Prof. Gustavo, será por acaso — e eu não acredito nos acasos — que o início da dinastia Chou, que corresponde ao tempo em que se foi perdendo aquela intuição de se poder ler diretamente as linhas, coincide com a mudança do sistema social na China em que deixou de haver matriarcado? Pois durante o matriarcado as linhas eram entendidas, e quando ele acabou já não mais se entenderam.

Resposta: Isso é muito significativo, mais significativo ainda quando notamos o seguinte: esses sessenta e quatro conjuntos de linhas estão dispostos numa ordem específica, que se manteve de 1150 até os nossos dias; nessa ordem, o primeiro hexagrama é formado por seis linhas inteiras, e esse hexagrama expressa o criativo, a tendência dinâmica da mutação, o princípio celeste e a função paterna cósmica.

O segundo hexagrama é formado por seis linhas partidas, as linhas do Yin, o princípio terrestre, e a função cósmica materna. Mas esta ordem, que assim dispõe os hexagramas e que é atribuída ao Rei Wên, foi então concebida justamente no momento em que a China estava vivendo esta transformação tão decisiva para o futuro: o final do esquema social matriarcal e a instauração da sociedade patriarcal; quando vamos observar que, em torno de 1766 mais ou menos, antes de Cristo, existia uma disposição diversa desses sessenta e quatro hexagramas, ou seja, os mesmos conjuntos de linhas inteiras e partidas eram ordenados numa seqüência distinta daquela que lhes atribuiu o Rei Wên. Quer dizer, Wên não apenas redigiu os textos do *Julgamento*, mas ele também dispôs os hexagramas na seqüência que hoje conhecemos, e na qual o ponto de partida está com o hexagrama da função paterna *Chi'ien*, o hexagrama daquilo que, muito mais tarde no pensamento chinês, se chamaria o *Yang*. E nesse período que antecede à dinastia Chou, nós sabemos que existiu uma ordem diferente para esses mesmos hexagramas, e que dessa ordem hoje temos apenas a informação sobre qual era, então, o primeiro hexagrama. E isso nos é indicado pela denominação dessa seqüência,



que se chamava **retorno ao obscuro**. Por que isso? Porque nela o primeiro hexagrama era o hexagrama materno, que hoje ocupa a segunda posição na seqüência do Rei Wên. Ora, essas seqüências, na verdade, representam uma cosmologia completa; para além do significado dos hexagramas há também o significado da disposição deles em seqüência. Por isso há uma *Asa* estudando particularmente por que os hexagramas se sucedem tal como eles se sucedem.

Pai e Mãe, os princípios cósmicos fundamentais de cuja interação surgiriam todos os povos, todos os seres e todos os fenômenos.

Terceiro hexagrama = **dificuldade inicial**. Ora, se Pai e Mãe se encontraram e se uniram, os seres começaram a surgir. Conseqüentemente, o terceiro hexagrama vai falar das dificuldades iniciais de tudo aquilo que está principiando, que está germinando.

O quarto hexagrama = a **insensatez juvenil**. Já não estamos mais na fase embrionária da semente, das dificuldades iniciais. Houve um crescimento e agora estamos nos arroubos intempestivos da fase juvenil, naturalmente insensata, como deve ser, como precisa ser, porque está se experimentando esse descobrir do mundo, está explorando suas próprias potencialidades.

Quando ultrapassamos o quarto hexagrama, o da **insensatez juvenil**, encontramos o arrefecimento recomendado no quinto hexagrama, à nossa espera. Ou seja, não podemos conseguir tudo instantânea e imediatamente; há um crescer lento, um amadurecer, sugerido pelo subtítulo do quinto hexagrama, que é **nutrição**; nutrir-se na espera da virtude, da lentidão, da gradualidade, que é o que o jovem intempestivo do quarto hexagrama não podia saber ainda, que ele descobrirá quando começar a ultrapassar a fase juvenil e descobrir a maturidade do enraizar-se lentamente, gradualmente, do crescer, não mais voluntarioso e intempestivo, mas agora paciente, o que irá fortalecê-lo nessa nutrição, possibilitando-lhe a descoberta do sexto hexagrama.

Sexto hexagrama = **conflito**. Isto é, as contradições que estavam latentes, que não eram percebidas, que não tinham sido ainda conscientizadas, agora começam a ser descobertas. E o hexagrama **conflito** é a explicitação das contradições antes ignoradas.

Quem assim descobre as contradições que portava em si, terá que passar a uma luta: hexagrama sétimo, o **exército**; a luta por **integrar, unir, reunir**, hexagrama oitavo. E assim poderíamos prosseguir ao longo dos sessenta e quatro hexagramas.

Quer dizer que além do que os hexagramas, eles próprios, significam, há também o que significa eles estarem dispostos na seqüência em que hoje estão. Conhecemos a seqüência do Rei Wên e podemos estudá-la; lamentavelmente, perdemos a seqüência anterior, porque ela fala de uma história na qual já não mais nos encontramos. Temos apenas um sinal, que é que a origem de tudo era entendida e percebida, não pela claridade paterna de Chi'ien, hexagrama que representa o **luminoso**, mas pela obscuridade misteriosa, materna, do atual segundo hexagrama.



O enigma se torna ainda maior e mais fascinante quando sabemos que, antes disso, no período da dinastia Hsia, havia uma outra seqüência para os hexagramas, da qual nos resta apenas a indicação de qual era o hexagrama posicionado em primeiro lugar, que era o hexagrama *Kên*, o hexagrama **montanha**, formado pelo triângulo da montanha abaixo e acima.

Então, como foi lembrado, não é de modo algum casual, inclusive porque o casual é um conceito inexistente na China clássica; quer dizer, para a China clássica, quando dizíamos que algo era um mero acaso, estávamos apenas dizendo e expressando que não entendíamos o que aquilo realmente significava; tudo é significativo para o chinês clássico, porque o universo, todo ele, é linguagem, todo ele fala nos acontecimentos, e os hexagramas tentavam justamente decodificar essa linguagem natural da vida, permitindo-nos entender por que tudo ocorre tal como ocorre; por que tudo ocorre tal como ocorre **significativamente**. E, portanto, dentro de um tal enfoque tudo é interpretável, se bons intérpretes existirem para uma tal investigação. Conseqüentemente, essa transição do período das "Mutações" para o período das "Mutações de Chou", com o marco da transição do esquema social matriarcal para o esquema patriarcal, tudo isso tem profundas implicações na mudança da constituição mesmo do ser da tradição, que se dá pelas modificações de quem com essa tradição lida e interage. Mudaram os homens, mudara a história, e, conseqüentemente, teria de mudar o que a esses homens tentava aclarar e lhes permitir entender o mundo e a eles próprios. Por isso, é realmente muito significativo, e seria objeto de uma interessantíssima investigação, que se estudasse todas as implicações. Primeiro, da constituição de textos para acompanhar os *Kua*; segundo, para a formulação específica de estilo e forma que esses textos receberam; terceiro, que agora o acesso aos hexagramas se fizesse através de uma linguagem falada e escrita, porque naquele período já a China dispunha de uma linguagem escrita e, conseqüentemente, Wên e Chou legaram não apenas uma tradição oral, mas, também, um conjunto de textos.

Pergunta: Por que as linhas 6 e 9 são mutáveis?

Resposta: Isto é porque as linhas têm tempo de vida, como tudo. As linhas morrem. E quando uma linha morre, em seu lugar surge o seu oposto. Quando morre uma linha *Yang*, em seu lugar surge uma linha *Yin*; quando morre *Yin*, surge em seu lugar uma linha *Yang*. Isto porque a China intuiu as mutações — e aqui nós chegamos a um outro ponto interessante: é que o nome da tradição mudou muito, mas não mudou nada, porque houve um termo que desde os primórdios permanece constante, e esse termo é *I*: as “Mutações”. Primeiro assim se chamava a tradição, depois *Chou I* e, por último, *I Ching*. *Chou* e *I Ching* foram condições transitórias, temporárias; *I* foi apenas o que perdurou e permaneceu. Porque, inclusive no próprio conceito, isto já estava implícito, a mutação universal, una e abrangente, que a tudo englobava em si, reduto último do cosmos, essa mutação, por ser ela permanente, era também imutável; e quando um dia assim essa tradição se chamou, quem sabe, talvez alguns chineses já soubessem que ao longo da história iam chamar aquilo por muitos outros nomes, só não iam deixar de chamar por “Mutações”.

E essa é a concepção do cosmos como mutação — reparem que eu não disse do cosmos em mutação, eu disse do cosmos como mutação, o que é muito diferente, porque pensar o cosmos em mutação significa pensar a mutação como algo que incide sobre os fenômenos, sobre os seres, sobre as coisas; e pensar o universo como mutação é pensar os seres como mutação. E essa foi a perspectiva de que nasceu a tradição que hoje conhecemos como *I Ching*. Mas nessa abordagem do cosmos como mutação, a China intuiu também que essa mutação não era caótica; ela possuía uma ordem interna, e essa ordem interna era a pulsação de tendências contrárias. Qual marés subindo e descendo. E essas tendências contrárias, opostas e complementares foram expressas no **criativo** e no **receptivo**, representados por uma linha inteira e por uma linha partida.

Mas perceberam eles também o seguinte: que tudo o que nos períodos da linha inteira se movia, não haveria de se mover infinita e eternamente. Porque num determinado ponto o movimento se esgotaria, e quando o movimento se esgotasse ele daria lugar ao repouso. O movimento tem um ponto de cansaço, e quando esse ponto é atingido ele é sucedido pelo repouso. Mas no repouso, que agora surge, forças dinâmicas latentes vão se reunindo até que, do repouso, o movimento redesperta. E assim finda o repouso para dar lugar ao movimento, e um novo ciclo surge, com dias e noites nos processos universais da mutação. Se assim é, então as linhas que representam essas tendências têm um tempo de dura-

ção; esse tempo de duração revela a mortalidade, a transitoriedade das linhas, pela finitude natural dos fenômenos. E é por isso que, dentro de uma reflexão numerológica, se chegou a cálculos que determinavam o valor numérico para linhas móveis ou não móveis. Linhas móveis são (na realidade os textos chineses falavam das linhas velhas) a “linha *Yang* velha” ou a “linha *Yin* velha”. Essas linhas expressavam o justo período em que estavam findando o movimento ou o repouso. Quando ambos, movimento ou repouso, chegavam ao limiar do transbordar no contrário, findava o dia ou findava a noite. E esse valor numérico foi o 9 (nove) para a “linha inteira velha”, isto é, aquela que estava no limiar da transformação do seu contrário, e 6 (seis) o valor da “linha *Yin* móvel” que estava em vias de transbordar no *Yang*. Esses valores são calculados em cima dos resultados no processo oracular de divisão das varetas, quando se tem determinados conjuntos obtidos por um processo estabelecido de divisão das varetas, e nesses conjuntos vamos ter cálculos de valores para o número de varetas que se obtém numa determinada consulta, num determinado procedimento; e esse somatório dos valores numéricos dá um total de 9 ou 6 para as linhas móveis. Então, inclusive nos textos do *I Ching*, vocês vão encontrar, ao início dos textos de *Chou*, 9 ou 6 na primeira posição, isto porque as linhas, na prática oracular, só são lidas e interpretadas quando elas são móveis. Quando elas não são móveis seus valores numéricos serão outros, serão 7 e 8, e nesses casos, como elas não são interpretadas na prática oracular, as referências nos textos surgem sempre como 9 ou 6, o que seria sinônimo de *Yang* móvel ou *Yin* móvel.

Pergunta: Qual é a posição, hoje em dia, na China continental, do *I Ching*?

Resposta: Nós tivemos a oportunidade de estar na China continental duas vezes, em 1982 e em 1983, levando as duas primeiras delegações para intercâmbio cultural entre o Brasil e a China. A primeira delegação, nós significativamente intitulamos “Grupo *Chou I*”, não poderia nem deveria ser de outra forma. E essas delegações culturais foram formadas com o propósito de uma aproximação na área cultural entre Brasil e China. Sabendo dos nossos interesses, evidentemente, nos haviam sido reservados momentos de encontro e conversas com professores de universidade e tudo o mais. O que pudemos constatar foi que, no período da Revolução Cultural — que vai de 1966 a 1976 — talvez pela primeira vez em toda a história da China, o *I Ching* foi quase totalmente extirpado do cotidiano do povo chinês.

Os textos do *I Ching* existentes foram confiscados em toda a parte; quase todos foram queimados juntamente com os comentários, bibliografia toda. Esses textos, ainda hoje, inexistem na maioria das bibliotecas.

Em 1977 ou 1978, se não me engano, foi publicado um texto sobre o *I Ching*, pela primeira vez após a Revolução Cultural; esta é o marco do apogeu desse esforço de apagar o *I Ching* e, na realidade, não só apagar o *I Ching*, mas apagar todo o passado, que era chamado "a velha China". E a "nova China" deveria ser construída às custas da "velha China", que era vista e entendida como obstáculo à "nova China". Essa era a ideologia da Revolução Cultural: apagar o passado para construir um novo futuro. Com isso, o *I Ching* era o arqui-símbolo desse passado, porque ele representava a continuidade da história chinesa ao longo desses milênios, e era isto justamente o que se queria repudiar, para firmar uma China que começava em 1949.

Esse foi o intento da Revolução Cultural; isso não é uma interpretação da Revolução Cultural, e sim o que ela própria afirmou e o que, praticamente, ela realizou. Então, durante esses anos, na Revolução Cultural inexistiram cursos sobre o *I Ching*, o assunto era literalmente proibido, as edições existentes foram todas confiscadas e, conseqüentemente, temos hoje já um longo período no qual o povo chinês perdeu contato com o *I Ching*.

É muito freqüente hoje, na China, que, conversando com jovens, se perceba que eles sequer saibam o que é *I Ching*. Na China o *I Ching* é hoje desconhecido quase totalmente das novas gerações. Felizmente, ainda existem lá uns bons velhinhos idosos que sabem muito sobre o *I Ching*, e, se lhes for dada a palavra outra vez, eles terão ainda muito a ensinar. A questão é viabilizar isso a curto prazo, porque esses homens já são idosos, e a vida humana é sempre limitada em sua duração. Isto significa que a China tem muito pouco tempo pela frente para poder reencontrar a tradição que, nela mesma, quase se apaga por completo nesse período terrível que culminou com a Revolução Cultural.

A liberação na área cultural, que hoje temos oportunidade de notar na China, já está apresentando vários sinais. Quer dizer, pelo menos hoje em dia não é proibido falar de *I Ching*. Conseqüentemente, podemos supor e esperar que a abertura para esse estudo das tradições antigas envolva um ressurgimento do *I Ching* na China. Agora, ainda que isso ocorra, sem dúvida hoje a China vai ter de importar especialistas, porque no entretanto, enquanto

todas essas vozes se calavam na China, pesquisas e estudos prosseguiram se realizando no mundo ocidental.

Tive oportunidade de notar que muitos dados — que hoje são correntes entre os especialistas de *I Ching* no mundo ocidental, surpreendiam os meus interlocutores na China, justamente porque eles estavam alheados e apartados de todo o trabalho vastíssimo de pesquisa que tem sido feito no mundo ocidental sobre o *I Ching*. Conseqüentemente, no momento em que a "primavera" retornar, depois desse longo "inverno", sem dúvida "jardineiros" do estrangeiro serão também necessários. Richard Wilhelm e seu filho Helmut são dois extraordinários exemplos dessas significativas coincidências históricas. Justamente pouco antes da China, ela mesma, começar a perder essas suas raízes, as sementes foram transplantadas para o exterior, onde elas haveriam de produzir novos frutos, nos trabalhos de extraordinária importância que hoje formam a bibliografia desenvolvida no Ocidente sobre o *I Ching*.

Pergunta: O senhor poderia explicar o que significa o "homem superior" no *I Ching*?

Resposta: Nas *Dez Asas* vamos ter, principalmente nos textos intitulados *A Imagem*, que nas edições do Wilhelm foi retirado das *Dez Asas* e colocado no chamado Livro Primeiro — Wilhelm dividiu a sua versão do *I Ching* em três partes: Livro Primeiro, Livro Segundo e Livro Terceiro. O Livro Segundo e o Livro Terceiro consistem das *Dez Asas*, e o Livro Primeiro, dos textos de Wên e Chou comentados por Wilhelm — nesse Livro Primeiro, ele inseriu uma passagem apenas das *Dez Asas* intitulada *A Imagem*, e é nessa passagem que surge o comentário confucionista que interpreta nos textos de Wên e Chou o que Confúcio chamava "o homem superior".

O "homem superior" vai representar o movimento de harmonização possível de ser realizado dentro de qualquer um dos sessenta e quatro hexagramas. Quer dizer, em cada um dos sessenta e quatro hexagramas houve um comentário confucionista que dizia o seguinte: que no que Wên e Chou diziam sobre o hexagrama estava implícito o traçado de uma linha de conduta, na qual a harmonia naquele hexagrama poderia ser restabelecida se lá faltasse, ou poderia ser consolidada, se lá existisse. Essa trajetória que restabelecia a harmonia, ou a consolidava, Confúcio designava "a ação do homem superior", que seria, portanto, o sábio que existe em todos nós, e que contrasta com o "homem inferior", o ignorante, que todos também somos.

Esse ignorante representaria a desarmonia ou o desequilíbrio passíveis de serem gerados dentro do contexto de um determinado hexagrama. Se uma certa linha de conduta fosse tomada, então, em todo e qualquer hexagrama, nós encontraríamos a trajetória do “homem inferior” e a trajetória do “homem superior”, representando essas duas trajetórias as duas possibilidades que todos trazemos em nós: de sermos uma fonte de harmonia ou de desequilíbrio e desarmonia; descobrindo-nos a nós mesmos como “homens inferiores” ou como “homens superiores”.

Pergunta: Professor, o que significa “linhas fracas” e “linhas fortes” no *I Ching*?

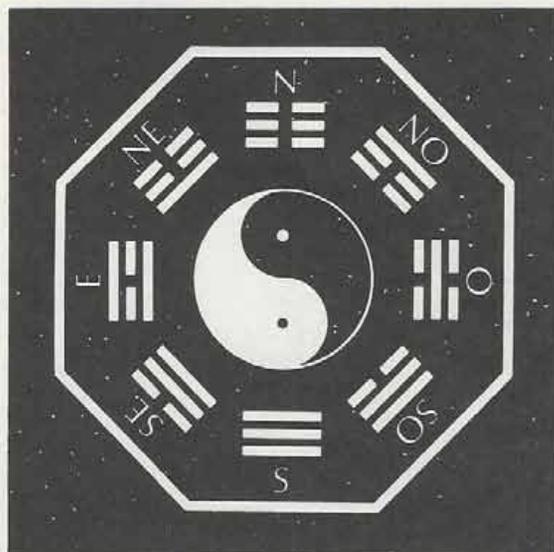
Resposta: A expressão “linha fraca” se refere à linha *Yin*, e “linha forte” à linha *Yang*. Há uma grande dificuldade para nós, ocidentais, quando vamos estudar essa forma de conceituação; o fato é que nós, ocidentais, trazemos uma história de abordagem do mundo na ótica do que a China chamava o *Yang*; quer dizer, todo o nosso entender das coisas se fez sempre por uma via exclusiva, que é a via do *Yang*.

Conseqüentemente, o *Yin* vai representar a sombra do Ocidente, isto é, tudo aquilo que ao longo da história o Ocidente esqueceu, e com o que, portanto, ele tem uma enorme dificuldade de lidar. É por isso que, ao longo da história ocidental, tudo o que expressa o *Yin* foi sempre interpretado pejorativamente; porque o *Yin*, não percebido nem visto nos seus valores próprios, visto sempre e somente à luz dos valores próprios do *Yang*, foi interpretado como carência, como falta, a falta do *Yang*. Porque para nós, no Ocidente, o *Yang* é tudo; não é à-toa que nós somos a civilização do fascínio pela velocidade — a velocidade é o *Yang*; não é à-toa que nós somos fascinados pelas alturas — as alturas são o reino do *Yang*; não é à-toa que nós somos, por excelência, a história da força — porque a força é o *Yang*. E somos incapazes de descobrir a virtude e, mais ainda, a potência da fraqueza. A palavra fraqueza tem, para nós, necessariamente, uma conotação negativa, porque para nós fraqueza é falta da força, porque a força é tudo. Porque o *Yang* é tudo. Porque a luz é tudo. Porque as alturas são tudo.

Agora, a China intuía o quê? O cume da montanha supõe o fundo do vale; a claridade do dia supõe a escuridão da noite; e a força *Yang* precisa corresponder, para que haja equilíbrio, a fraqueza do *Yin*. E que ambas são virtudes e qualidades, ainda que tão dissimilares entre si. Por isso, um dos pontos

mais difíceis de entendimento no *I Ching*, para nós ocidentais, é tudo o que se relaciona com as linhas partidas. O segundo hexagrama é talvez o desafio maior, porque ele consiste apenas de linhas partidas, e ele nos fala dessa virtude profunda do *Yang* lá em cima, e o *Yin* lá em baixo; onde o aprofundamento mergulha na escuridão do insondável e do misterioso, que é a região terrena — contraparte e complemento da região celeste. É por isso que quando se fala nas linhas fracas nós, na nossa leitura ocidental do *I Ching*, julgamos que se está falando de linhas menores, de linhas ruins.

A virtude do *Yin* é a da não-resistência da água, que, por ser tão maleável, molda a mais rígida pedra, e apara suas arestas. Exatamente porque a água não é forte, como forte é a pedra, e por isso, ao final, a força da pedra se curva, literalmente, à fraqueza da água, tal como se curvou um dia a Inglaterra à Índia.



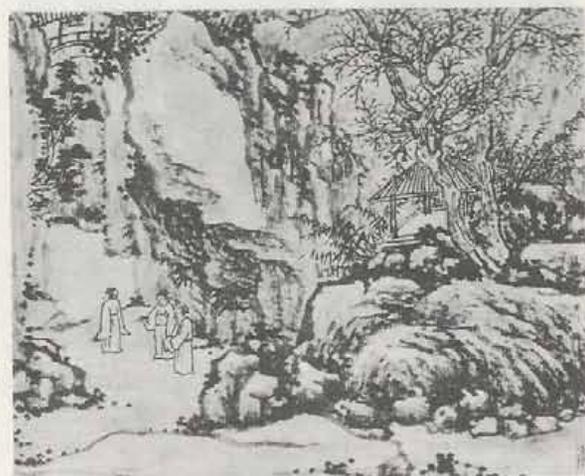
Pergunta: Na prática oracular do *I Ching* há hexagramas que indiquem, especificamente, sorte, ventura, e desgraça?

Resposta: Há uma estorinha chinesa que diz o seguinte: um velho homem ganhou certa vez um belíssimo cavalo de raça, e à aldeia em que ele vivia todos acorreram e disseram: “Puxa, que homem de sorte o senhor é; ganhou um cavalo tão bonito!” Impassível, o velhinho disse: “Eu não sei se isso é sorte”. E todos acharam aquilo muito estranho. O homem não sabia se era sorte ganhar um cavalo tão bom?! No dia seguinte, o filho desse senhor foi experimentar o belíssimo cavalo que o pai ganhara e, cavalgando, caiu e quebrou uma perna. Todo o vilarejo correu à casa do velho homem dizendo: “Oh, senhor, que azar, seu filho quebrou uma perna!” E o velhinho, impassível, disse: “Eu não sei se

isso é um azar". Na semana seguinte estourou uma guerra e todos os jovens foram convocados para a luta, menos o filho do velhinho, porque ele estava com a perna quebrada. E a estória prossegue *ad-infinitum*.

Como tudo aquilo que veio a se desenvolver na China, também isso expressa como o *I Ching* entende a adversidade e a favorabilidade. Há sem dúvida hexagramas que anunciam infortúnios e há hexagramas que anunciam boa fortuna. Mas não há hexagrama algum que anuncie sorte; não há hexagrama algum que anuncie azar. Eles apenas descrevem condições diferentes, que nós, à medida em que amadurecermos, começaremos a descobrir que são apenas diferentes. No inverno, trememos de frio, no verão, suamos em bica, mas não há o melhor, não há o pior na natureza; diz um poema Zen: "Uns ramos crescem, uns longos outros curtos; ao final, as coisas são apenas diferentes".

Todos nós passaremos ao longo dos ciclos dos hexagramas, porque viver é tanto experimentar a maré alta, quanto a maré baixa, e tanto uma quanto outra tem algo a nos ensinar se nós soubermos compreendê-las e, assim, usufruirmos tanto de uma quanto de outra.



Os hexagramas que falam em infortúnio, no *I Ching*, geralmente estão ligados ao inverno, e os hexagramas que falam em boa fortuna estão ligados às estações quentes, primavera ou verão. E o que nós vemos é o seguinte: nas estações quentes os caminhos estão desimpedidos, você pode sair de casa, o campo está disponível, você pode trabalhar, arar, semear, produzir, colher. Mas quando vem o ciclo do inverno, os caminhos estão impedidos, você já não pode sair, porque lá fora tudo está congelado e o seu movimento foi cerceado. É por isso que a natureza lhe recomenda recolher-se a casa, pois lá há

um fogo que pode aquecê-lo, no interior, quando você vai subsistir graças àquilo que você produziu nas estações anteriores e, ao subsistir disso que você encheu, fruto do seu trabalho, você vai poder refletir, meditar, pensar e avaliar o que você fez, e ver no que foi certo e no que não foi, no que foi suficiente e no que não foi. Parece que em tudo o que nós fizermos sempre acabaremos encontrando e descobrindo as duas coisas.

À medida em que você reflete e avalia no interior da casa, junto a esse fogo que resta, suprimindo-se do fruto do seu próprio trabalho, e assim avaliando aquele ciclo todo, do ano que ali se completava e encerrava, você poderá melhor projetar o horizonte do porvir, porque essas neves vão se dissipar, vão desaparecer. O campo vai surgir disponível outra vez, e quando você sair para arar e semear, você saberá melhor como fazê-lo, porque você pôde meditar durante o inverno em tudo aquilo que você fez e assim você pôde interligar passado, presente e futuro.

Ora, será azar termos de nos recolher pelo domínio das neves, para podermos usufruir de tudo isso que, impossibilitado no exterior, foi possibilitado no interior? Não há nada a lamentar, só há a entender.

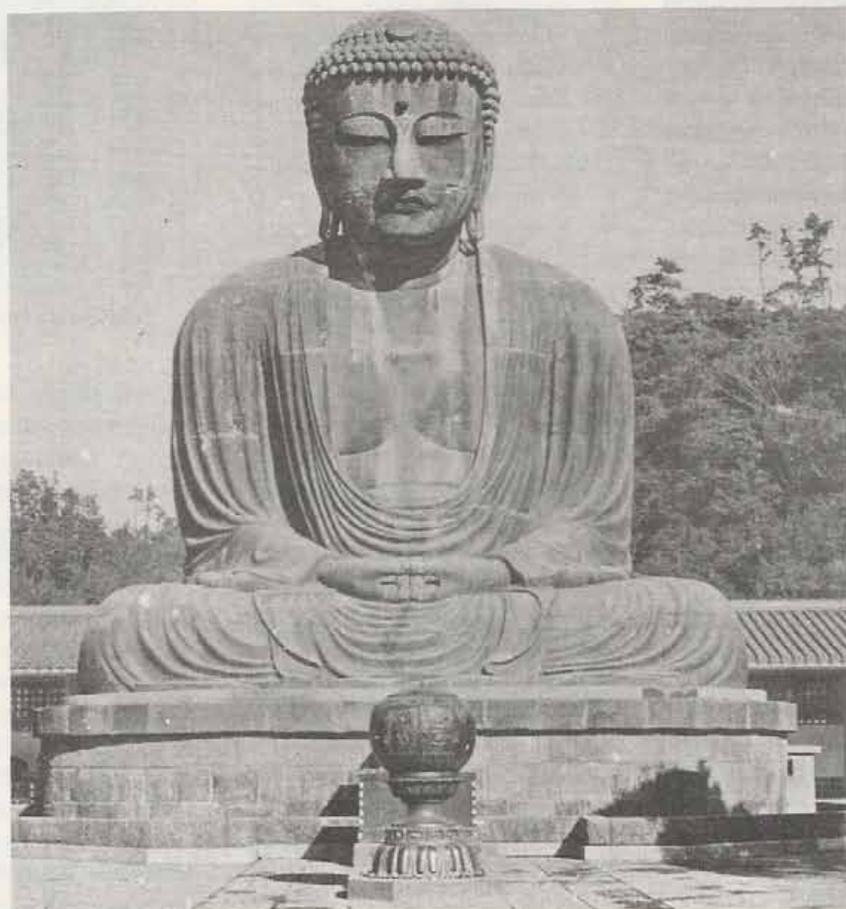
Pergunta: Professor Gustavo, poderia indicar-nos algum centro de estudos de *I Ching* aqui em São Paulo? Ou algum grupo de pessoas que se reúnem com esse propósito?

Resposta: Eu não sei de nenhum centro de estudos trabalhando especificamente nessa área. Tenho dado cursos aqui em São Paulo, mas não conheço nenhum grupo de estudos já formado aqui sobre o assunto.

Eu queria agradecer a vocês a oportunidade desse nosso encontro, que para mim é uma ocasião muito feliz, quando eu posso ver tantas pessoas interessadas por alguma coisa que para mim tem um valor e uma importância tão grande. Porque nesse interesse de vocês se reafirma uma convicção que ao longo dos anos nos vinha animando, que era que essa tradição não haveria de morrer na modernidade, que ela haveria de prosseguir para o futuro. E se ela há de prosseguir, há de ser porque por ela alguém se interesse, e a ela se dedique a estudar. Por isso fiquei tão feliz em encontrar tanta gente hoje aqui, interessada no *I Ching*, e feliz por poder trazer a pequena parcela de contribuição que chegou às minhas mãos. Obrigado a vocês.

Resumo da Evolução Cultural Japonesa

PRIMEIRA PARTE



Estátua do "Grande Buda" (Período Kamakurá).

Dizem os pesquisadores ter sido o Japão habitado há cem ou duzentos mil anos. Ossadas e objetos têm sido desenterrados e estudados em vários locais¹. Ainda outro dia, canais de irrigação antigos e restos de fundações de um pagode muito mais velho que os já conhecidos, foram descobertos. Embora sejam da época do cristianismo primitivo, vamos deixar os arqueólogos e antropólogos se divertirem com eles.

Considera-se o ano 600 a.C. – outros dizem 660 – a data de fundação do Império.

Os períodos Jōmon – 200 a.C. – e Iaiōi – 250 d.C. – são os primitivos. No de Iaiōi, o matriarcado. Como não dava certo um governante homem, experimentaram uma mulher, o resultado agradou. A princesa Hímico governa Iamatai Koku em seu magnífico palácio. Há registro disso em documentos coreanos antigos. Após sua morte, experimentam de novo um rei. Não dá certo, passa outra mulher a governar. Existem pequenos reinos pelo arquipélago, cada qual com seu chefe, devendo obediência ao governo central,

mas relativamente independentes. Mais tarde, o rei de Iamato, o mais poderoso, unifica as ilhas, tornando-se o ancestral do atual Imperador, o número cento e vinte e quatro em linhagem direta.

O período Iaiōi é o dos grandes túmulos de dirigentes, chamados de *Kofun*, com as cerâmicas *Haniuá*. Conserva-se o grande túmulo do Imperador Níntoku, o décimo sexto da dinastia, perto de Óssaca, o maior do mundo: 305m x 486m x 34,6m, cercado de três ordens de fossos.

Na arquitetura, *Jinjas* ou templos xintoístas de Izumo, Sumiyoshi e Isse. Têm forte influência do Pacífico Sul.

Período Assuká (552-645)

É a introdução do Budismo com grande influência continental — Índia, China, através da Coreia.

O Príncipe Shôtoku — 572-621 — o Pai da Cultura Japonesa, traduz obras sacras, é autor da primeira Constituição com dezessete artigos. Edifica o Templo Hôriuji, o mais antigo monumento de madeira hoje existente. Há fastígio político, literário e filosófico.

Período Nara (645-794)

Até então, a cada subida de um Imperador ao poder, a capital era mudada. A partir de 645 fixa-se ali a capital, na planície de Yamato, que significa “Grande Fraternidade”, local de origem do Império.

A influência continental prossegue. O Imperador, como centro político do país, distribui terras ao povo, sem distinção de sexo. O nacionalismo vai crescendo, com a assimilação dos conhecimentos, técnicas e artes estrangeiros.

O primeiro livro escrito é o “Registro das Coisas Antigas” ou *Kojiki*, do ano 712, mitológico-histórico. A “Coletânea para a Eternidade” ou *Manhōshū*, mandada compilar pelo Imperador no fim do período, reúne a produção poética de quatrocentos e cinquenta anos. Não há, no livro, distinção de classe ou sexo: aparecem desde o Imperador até o mendigo, numa democracia literária invejável.

O Budismo da época é de “Planície”, os monges interferindo na política. As artes são de caráter religioso principalmente, escultura suave, primaveril. Na arquitetura, o templo Tōdaiji —

“Grande Templo do Oriente” — com seu museu Shōssōin. Ainda hoje estão bem conservados.

Período Heian (794-1192)

Da Paz e Segurança, pelo menos no início.

Cansado com os monges interferindo na política, o Imperador Kammu transfere a capital para Quiôto, onde permanecerá até 1868. O poder temporal e religioso devem estar bem separados. O Budismo de Heian é das “Montanhas”, em contacto com a natureza, longe das tentações do mundo. Surgem, assim, grandes sábios entre os monges.

Acentua-se o nacionalismo. Bolsistas enviados à China até superam seus mestres. É o caso do monge Kūkai, depois conhecido como Kōbōdaishi (772-835). Atribui-se a ele a invenção do alfabeto fonético.

Os ideogramas ou *Kanji*, pedidos emprestados à China não expressam tudo. Nem sempre o que é bom para o vizinho o é para a gente. O japonês e o chinês são de naturezas completamente diferentes. Segundo os especialistas, a origem do idioma japonês é ainda desconhecida.



Caligrafia do Período Heian.

O monge Kūkai é também pioneiro da educação popular.

A literatura avança com o novo modo de expressão.

A época de Heian assiste à aparição dos samurais ou guerreiros. Os representantes das classes Hēike e Guēnji, ambos de sangue imperial, mas sem muitas oportunidades na capital, unem-se aos defensores dos latifúndios da aristocracia nas províncias. Antes, eram propriedades imperiais, que se desmoronam aos poucos.

Até meados dos anos noventa, os Imperadores são ainda



Jamotomai — um dos tipos de dança da corte originário da região de Yamato (Nara).

fortes, fazendo muito pelo povo. Daí até à metade dos anos mil, a política é apanágio dos nobres Fujiwara. Eles interrompem o intercâmbio com o continente. Desse limite até o fim do século doze, o centro político é detido pelos pais dos jovens imperadores reinantes, esmagando a nobreza decadente. Esse sistema chama-se *insei*. Nos últimos trinta anos da era Heian, o clã Hêike domina. São vencidos pelos Guênji em 1185.

A literatura é riquíssima na época. Há livros de contos, romances, um ensaio, diários, coletâneas poéticas imperiais. No meado de Heian, o apogeu da literatura feminina, fenômeno único no mundo. O "Romance de Guênji" ou *Guênji Monogatari*, de 1010, pela dama da corte Murássaki Shikibu é a obra-prima da época.

Quanto às pinturas e esculturas, começam suaves e estáticas como em Nara. Depois se tornam barrocas com abuso de ouro. Paisagens e retratos são pintados além da arte religiosa. A música e a dança da corte — *Gôgaku* e *Bigaku* — de origem japonesa ou do continente asiático florescem.

Mais para o fim da era, representações cômicas das cidades e dos arrozais passam a ser apreciadas pela aristocracia. São as precursoras dos teatros *Nô* — que é elegância e sobriedade — e *Kiôguen* — a farsa clássica — dentro de alguns séculos.

A arquitetura é de Shinden-Zúkuri, os pavilhões interligados, com jardins e lago entre eles. Templos budistas como o Biôdôin e xintoístas como Kamo e Kássuga.

Enfatiza-se a ascensão dos samurais, a nova aristocracia, que dominará até 1868. O clã Hêike dá uma Imperatriz, a filha do patriarca Kiiômori. Porém o clã Guênji vence-o em menos de quarenta anos. Os Hêike são considerados a ponte entre a nova e a velha aristocracia.



Um dos edifícios mais antigos do grandioso complexo arquitetônico de Kofuku-Ji (Período Kamakurá).

Período Kamakurá (1192-1333)

Sob o *shogunato* ou governo do generalíssimo, ditadura militar, primeiro sob os Guênji e depois os Hôjô, seus parentes, há grande preocupação pela educação popular.

Literatura vigorosa e nacionalista: além de coletâneas poéticas, ensaios, há a literatura guerreira. "Crônicas de Hêike" ou *Hêike Monogatari*, de 1250, é a obra mais famosa. Junto ao *Guênji Monogatari* e o *Kônjaku Monogatari* ou "Contos de Ontem e de Hoje", ambos do período anterior, formam o Trio Realista da literatura clássica nipônica. Eles exercerão influência decisiva nas letras e no teatro posteriores.

Característico de Kamakurá é o *emakimono*, misto de pintura, literatura e caligrafia em rolos. Há

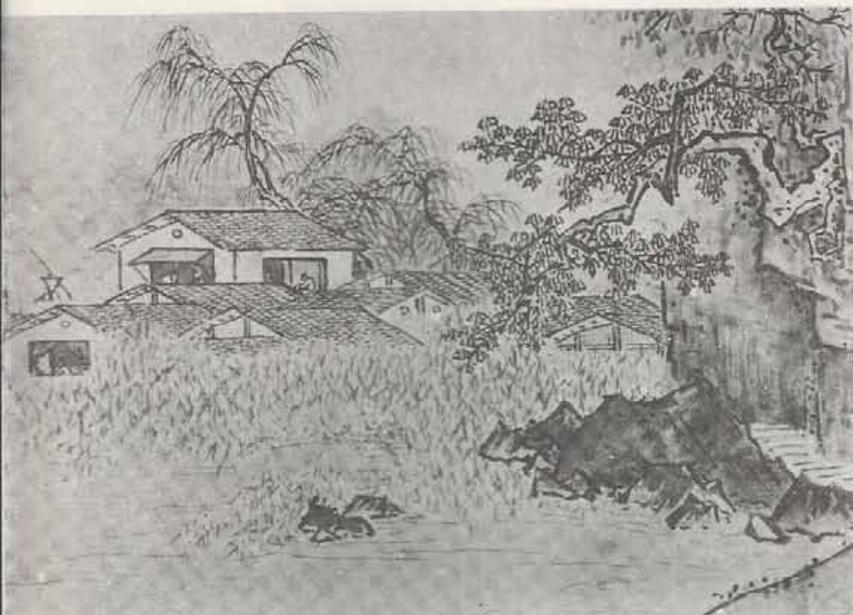
dinamismo na escultura como os *Niô* ou guardiães de templo criados por Ūnkei e outros artistas. Cerâmica de *Seto* e *Kamakura-bori*, escultura artesanal.

Na arquitetura, o sóbrio *Buke-zúkuri*, típico dos samurais. O generalíssimo Ioritomo reconstrói o Templo Tôdaiji, arrasado por um incêndio no início da era.

Ele morre numa queda de cavalo e sua viúva Mássako, nascida Hôjô, faz-se monja e governanta, apelidada de "monja-shôgun". O Japão tinha já sua dama de ferro na época...

Os mongóis tentam invadir o país, mas uma tempestade acaba com sua frota.

E floresce o novo Budismo de Zen, Shinshû e Nítiren. Conta-se que as orações do monge Nítiren, assentado sobre uma elevação, chamaram a tempestade salvadora².



Detalhe de Paisagem (Período Muromati)

Período Muromati (1338-1568)

Após cinco anos de governo Imperial Godaigo, tentando conciliar a antiga e a nova aristocracia, novo *shogunato* de Ashikaga, ramificação dos Guênji. É o fim de meio século de desordens com a secessão norte-sul. Os senhores feudais ascendem lentamente. Liberta-se o artesanato. Evolução do comércio graças à concorrência — é o início da livre iniciativa. Há relações com a Europa.

O generalíssimo Ioshimitsu, patrono das artes — cerimônia do chá e do teatro *Nô* em particular — edifica o Kínkakuji, “Templo Dourado”, em 1397³. Outro governante, mais tarde, constrói o “Templo de Prata”, Guínkakuji, que jamais foi revestido pelo metal.

O *Ikebana* ou arranjo de flores, antes oferenda no altar búdico, torna-se arte na época.

Peças do teatro clássico *Nô* com os autores-compositores Kan-Ami, o pai, e Zéami, seu filho — este deixa vinte livros sobre a Filosofia do Teatro, composição e vários temas mais.

Há coletâneas poéticas.

Os pintores contemporâneos de Miquelângelo — Sesshú, Mitsunobu e Motônobu deixam obras-primas monocromáticas ou parcialmente coloridas, religiosas ou não. As grandes obras de escultura são as máscaras de *Nô*.

Assiste-se à transição entre a literatura aristocrática-guerreira e a popular. Mestres de *Renga* ou poesia em cadeia são, geralmente, monges de Zen. No meado da era, há grandes antologias e livros de teoria a respeito.

Utensílios de cerimônia do chá e armaduras demonstram sua alta qualidade artística.

A arquitetura *Shoin-zúkuri* — com centro na sala de estudos — penetra no meio do povo.

O governo central fraco favorece a guerra civil, chamando-se de era Sêngoku, muito focalizada em filmes. Mas os Ashikaga duram dezesseis gerações.

Muromati é a época de maior influência até hoje, inclusive no Ocidente.

EICO SUZUKI

NOTAS

- (1) Pouco depois deste artigo ser escrito, descobriu-se que há trezentos e setenta mil anos, mais ou menos, existe gente no Japão.
- (2) Não se sabe se ele tinha tais poderes, mas aconteceu.
- (3) Há a réplica dele no km 26 de Itapeverica da Serra, Vale dos Templos.

ERRATA:

THOT Nº 37, artigo “Judô de Kôdôkan” de Eico Suzuki, págs. 36 - 40.

pág. 36, 1ª coluna, 8ª e 9ª linhas, leia-se:

“No Ocidente, a Luta e o Boxe...”

pág. 36, 2ª coluna, 22ª linha, leia-se:

“Em 1904 vai para a América...”

pág. 39, 2ª coluna, 2ª linha, leia-se:

“... não o fim de tudo.”

pág. 40, 2ª coluna, Nota 3, 5ª linha, leia-se:

“... diploma-se em 1883 ...”

pág. 40, 2ª coluna, Nota 4, 1ª linha, leia-se:

“Mifune Kiuzô — 1883 - 1965...”

pág. 40, 2ª coluna, Nota 5, 4ª linha, leia-se:

“A primeira faixa-preta diplomada em 1933.”

O Inconsciente - sua influência na vida e na integração do ser.

"A verdadeira arte cria, e tudo o que é criador ultrapassa qualquer teoria. É por isso que aconselho aos principiantes: Aprendei as teorias o melhor que puderdes, mas deixai-as de lado no momento em que tocardes a maravilha da alma viva. Não são teorias, é vossa personalidade criadora que será decisiva."

Jung

INTRODUÇÃO

O tema do inconsciente tem ocupado um lugar de destaque na psicologia contemporânea. O homem, saindo do positivismo do século passado, começa a compreender cada vez mais que sua consciência abrange apenas uma parte, um foco da realidade, que é mais ampla do que percebemos. Os mecanismos do inconsciente, seus símbolos e manifestações começam a ser levados em conta em outras áreas de estudo, como a história, filosofia, fenomenologia religiosa, linguística, etc.

As teorias, os esquemas e a classificação dos fenômenos e conteúdos psicológicos nos ajudam a compreender de maneira mais objetiva o que ocorre em nossa psique. Não podemos, porém, confundir a teoria com a realidade. Podemos ter dezenas de maneiras para classificar o inconsciente, mas este será sempre o mesmo, independente do esquema mental que estejamos usando, esquemas que variam conforme a cultura, época, religião e o "espírito da época".

Um apego excessivo a um determinado esquema, por melhor que este seja, pode fazer com que se veja o que não existe, e se deixe de ver o que realmente existe. A realidade está sempre além do alcance de nossos pré-condicionamentos mentais.

ESTRUTURA DA PSIQUE

A psique é a personalidade como um todo. Engloba em si todos os pensamentos, sentimentos, sensações e comportamentos, sejam estes conscientes ou não. Apesar de ser algo complexo, distinguimos através da introspecção e da observação que a psique possui uma parte que nos é consciente, mas que quase toda sua totalidade funciona, age e nos influencia sem que haja consciência de nossa parte. Trata-se do inconsciente, isto é, um imenso oceano (o inconsciente), no qual emerge a ponta de um *iceberg* (o consciente, que tem suas raízes no inconsciente).

CONSCIENTE

É na área do consciente que se desenrolam as relações entre os conteúdos psíquicos e o "ego". Este "ego" é o centro do consciente e é formado por numerosos elementos que têm, porém, uma unidade suficientemente coesa para transmitir as idéias de continuidade e de identidade consigo mesmo.

Os elementos que formam o ego são: as percepções conscientes, recordações, pensamentos e sentimentos, muitas vezes contraditórios entre si mesmos.

O consciente representa a parte reflexiva da pessoa, dando sentido e direção ao indivíduo em seus contatos com o meio. É através de seu ego que temos a consciência de "ser", de "existir".

INCONSCIENTE

O inconsciente escapa à nossa observação direta (já que é inconsciente). Podemos, porém, inferir-lo e concluir que tudo se passa como se ele existisse. Nesse campo se destacaram diversos pesquisadores, que começaram a fazer experiências interessantes. No final do século passado e início deste desenvolve-se a hipnose. Durante o estado hipnótico, a pessoa ou paciente hipnotizado é capaz de responder a diversas perguntas a respeito de fatos, pessoas, acontecimentos, etc., fatos estes de que, conscientemente, já não se lembra.

Certos lapsos comuns, como o de pensar algo e dizer outra coisa (quem já não passou por isto?) mostram que outros mecanismos, além dos conscientes, atuam no comportamento.

Os sonhos também nos mostram interessantes aspectos de uma atividade não consciente.

MANIFESTAÇÕES DO INCONSCIENTE

1) Inconsciente não-conhecido

Lersch denomina de inconsciente não-conhecido aquele cujos conteúdos não se tornaram conscientes no momento da vivência, e só mais tarde chegam (ou não) aos umbrais da consciência. É o que acontece quando estamos andando distraidamente na rua e de repente percebemos que acaba de passar um conhecido, a quem esquecemos de saudar. Noutro momento, não ouvimos uma pergunta que nos foi dirigida, mas antes que seja preciso repeti-la surge atrasada na área da percepção auditiva. Não ouvimos "conscientemente" nosso interlocutor porque estávamos distraídos, mas quando "voltamos" surge na consciência o que acaba de ser dito.

2) Automatismos

Os automatismos ocorrem quando não há uma consciência reflexiva sobre aquilo que se faz, consciência esta que tenta assumir uma postura tentando interferir, dirigir e controlar os pensamentos, sentimentos e atitudes. Atitudes como datilografar, dirigir um automóvel, etc., são freqüentemente inconscientes. Isso se estende também a uma série de atitudes emotivas e intelectuais, que se manifestam sem que estejamos conscientes de seu mecanismo.

3) Intuição Criadora

Também neste caso não há a interferência da consciência reflexiva. É nessa negação que surge a intuição criadora, que Goethe exemplifica dizendo que "nossos mais nobres trabalhos florescem apenas em momentos inconscientes" ou que "o melhor o fazemos sempre inconscientemente". Nietzsche também se expressa dizendo que "toda obra perfeita é precisamente inconsciente e involuntária; a consciência expressa um estado pessoal imperfeito e freqüentemente morboso".

A atividade criadora de um pensador ou artista ou as ocorrências que vêm de repente não são conduzidas pelo "eu", marcando a diferença entre reflexão e inspiração. Na reflexão a vontade direciona o pensamento; na inspiração nos abandonamos ao que acontece internamente.

4) Inconsciente Vital

É o inconsciente que se refere à esfera vital, dos processos vitais, e que não é acompanhado pela vivência consciente. Manifesta-se na respiração, circulação, peristaltismo intestinal, etc. Normalmente esses processos se encontram fora da influência da consciência reflexiva, e funcionam mesmo quando estamos desmaiados ou dormindo.

O inconsciente vital faz com que todo o organismo trabalhe unido, em harmonia, o que não seria possível se não houvesse esta direção.

5) Inconsciente Ontológico

A idéia de um inconsciente ontológico surge com a influência do idealismo alemão. Apesar de extrapolar, junto com o inconsciente vital, o campo psicológico, foi uma das primeiras idéias que emergiu na pesquisa do inconsciente.

Todos os processos vitais de um ser podem sintetizar-se no conceito geral da "vida" que se difunde pelo cosmos, no qual todo ser individual possui as suas raízes, bem como as de suas vivências.

Para Carus, o fundamento da realidade e do mundo está formado por um inconsciente universal do qual se desprendem tanto as formas que carecem de consciência como as que a possuem. Estas formas, que retornam inevitavelmente à sua origem dissolvendo-se de novo no inconsciente, são manifestações de sua essência; tentar esclarecê-las com o pensamento é portanto infrutuoso e temerário.

Este inconsciente parece um princípio divino que preside ao mesmo tempo a organização do mundo, a nossa vida orgânica e a nossa vida espiritual. "O inconsciente é a expressão subjetiva designando o que objetivamente conhecemos pelo nome de Natureza". Existe uma série de etapas até que surja a consciência: primeiro, a Idéia inconsciente cria o organismo do indivíduo, em seguida aparece uma primeira consciência, consciente do mundo exterior, associada pelo instinto à vida orgânica; por último o espírito se manifesta com a consciência de si mesmo. A partir deste momento, o consciente e o inconsciente permanecem em diálogo contínuo, numa influência fecunda, criadora de energia e de habilidade mostrando a ação incessante do inconsciente.

Para Klages, o inconsciente é o órgão vital geral e generalizador que enlaça tanto os indivíduos uns aos outros, como estes com a paisagem, o clima, e a terra. Tudo, em sua essência, está unido entre si.

Adquire até mesmo um caráter supra individual. "Por todas as partes se demonstra que por muito que nos tenhamos individualizado e por muito orgulhosos que nos sintamos de nosso eu e da independência deste, atua em nós a vida geral, nos encontramos unidos a ela, vive em nós. Está tanto em nós como nós nela". (Heyer)

"Tudo o que trabalha, cria, age, sofre, fermenta e se desenvolve na noite de nossa alma inconsciente — tudo o que se manifesta aí, seja na vida de nosso organismo, seja nas influências que recebemos das outras almas e do universo inteiro, tudo isso se eleva, com um acento todo especial, da noite inconsciente à luz da vida consciente; esse canto, essa produ-

giosa confiança do inconsciente ao consciente, chamamos de sentimentos". (Carus)

6) Inconsciente Reprimido e Complexos

A idéia de um inconsciente reprimido foi iniciada por Freud, tendo seu conceito sido posteriormente ampliado por Jung, ao abordar os complexos.

Dentro do inconsciente reprimido encontramos conteúdos que são incompatíveis com os da consciência. O "eu" da consciência sempre está tomando uma posição orientada segundo normas do "bem" e do "mal", do permitido ou proibido, do decente e indecente, do que deve aparentar aos olhos dos outros e aos próprios, do que deve ser feito, sentido e pensado para não se envergonhar perante a sociedade e perante si mesmo.

A "censura" assim reprime os conteúdos que são conflitantes com a atitude consciente. Esses conteúdos reprimidos não são necessariamente maus, podem ser tendências a uma unificação maior da psique, mas que são temidos pelo "ideal" vigente naquele momento pelo eu.

As repressões existentes no inconsciente podem ser constatadas por dois métodos: a hipnose, que foi o primeiro a ser usado, e o teste de associação de palavras. O teste de associação de palavras consiste numa lista de 50 a 100 palavras que o psicólogo diz ao paciente. Este deve responder com a primeira palavra que lhe surgir à mente, tendo seu tempo de resposta medido. Percebe-se que algumas palavras atingem regiões sensíveis do inconsciente, provocando uma reação distinta, desencadeando um automatismo que capta sua atenção, subjuga-o, impede-o de cumprir as instruções recebidas. Ele acaba demorando mais para responder uma palavra, pode hesitar, responder com uma frase, ao invés de uma única palavra, ter alterações no ritmo cardíaco e respiratório, etc., sem, geralmente, perceber que sua própria reação foi alterada.

Este fenômeno vemos diariamente quando numa conversa ou discussão certas palavras provocam reações violentas, desproporcionais e inexplicáveis, pois tocaram em algum ponto explosivo do inconsciente. Este conteúdo que foi ativado consiste em algo que não aceitamos ou não conhecemos conscientemente. São, na terminologia de Jung, os complexos.

Os complexos são pois representações carregadas de forte potencial afetivo incompatíveis com a atitude consciente. Correspondem a uma situação psíquica estagnada, que necessita ter uma resolução, uma solução de continuidade.

Possui, pois, um conflito moral, um mal-estar, uma incompatibilidade, e por isso não gostamos e nem queremos lembrá-lo, porque suas recordações, desejos, temores, necessidades ou obrigações

não são aceitos pelo eu consciente, que teme não poder superá-los. Podemos reprimir um complexo, mas jamais suprimi-lo.

O complexo não corresponde apenas ao que foi reprimido. Muitas vezes, no dinamismo do inconsciente, surgem novas tendências, novas posturas, que querem chegar ao limiar da consciência.

Existe nestes elementos do inconsciente uma energia afetiva, endotímica, uma tensão de querer-ser-vivido. Eles não ficam anulados ou inoperantes, mas em atividade constante, criando uma tensão contínua entre o consciente e o inconsciente. Sua influência é contínua, sendo raro encontrarmos alguém que não seja dominado por inclinações, hábitos, impulsos, preconceitos e ressentimentos, todos eles com origem nestes centros afetivos chamados complexos.

Em sua manifestação mais simples produzem reações que fazem perder a objetividade, desviar-se da meta, criar confusão, enterrar, confundir o pensamento, provocar respostas involuntárias. Nos casos patológicos envolvem o indivíduo num estado de não liberdade, de obsessão de pensamentos e atos, de neurose e histerias. É possível mesmo uma cisão completa da consciência, originando 4 ou 5 personalidades diferentes, com características e memórias próprias.

Alguns exemplos "clássicos" de complexos são os complexos de superioridade, de inferioridade, de poder (levar o "eu" a querer sobrepor-se aos outros sempre), de suicídio (tendência ao auto-extermínio, desmaios na rua, desejo de coisas arriscadas, etc.) e o complexo do "eu" (que não deixa de ser um complexo, isto é, um núcleo de representações afetivas que constitui o centro da zona consciente, o centro de continuidade e identidade pessoais).

O complexo em si não é mau, ele indica uma desunião, um obstáculo ou a necessidade de um impulso para esforços maiores. Se por um lado exprimem o que há de incompleto em nós, por outro indicam a possibilidade, através de sua conscientização, de sua integração dissolvendo-se as experiências afetivas que lhe dão origem, de se ter uma personalidade mais "completa", mais harmônica, ainda que contendo elementos incoerentes entre si (da mesma forma, se tomarmos dentro do corpo humano cada função ou cada órgão isoladamente, parece que muitos executam funções contraditórias entre si, que só podem ser compreendidas numa visão de conjunto).

A tomada de consciência do complexo no plano intelectual pouco adianta. É preciso que junto a isso seus afetos sejam assimilados. A não assimilação dos conteúdos dos complexos provoca uma sensação de inferioridade, de vácuo, de carência, de ordem "moral". O sentimento de uma inferioridade moral não provém duma infração exterior da lei ética, que em certo sentido é arbitrária, mas do conflito do indi-

víduo consigo mesmo, com sua personalidade total que reclama a integração de elementos inconscientes. Este sentimento de inferioridade indica não apenas a exigência do indivíduo em assimilar um fator até então inconsciente, mas também a possibilidade dessa assimilação.

7) Inconsciente Coletivo e Arquétipos

Todos os inconscientes vistos até agora possuem uma origem, direta ou indiretamente, no acervo de representações adquiridas pelo indivíduo, de elementos que nascem numa interação entre a pessoa e o mundo fenomênico.

O inconsciente coletivo, ao contrário, é a "estrutura" inata da psique, o substrato comum de toda a psique. Transcende todas as diferenças culturais e as atitudes conscientes, sendo forma e condição prévia da consciência.

Nele reside a síntese de toda a experiência humana de milhares de gerações, na qual cada século que passa acrescenta uma quantidade infinitesimal de variação e diferenciação.

Os elementos do inconsciente coletivo possuem disposições latentes para reações idênticas, o que faz com que haja identidade entre temas míticos e simbólicos em todas as culturas, e possibilita a existência da compreensão entre os homens em geral, o que seria impossível se não houvesse um substrato comum.

Alguns traços do inconsciente coletivo tomam um relevo especial, um tom afetivo maior; são os dominantes ou arquétipos. Não estranhemos que o corpo humano possua estruturas que se repetem ao infinito em todos; os arquétipos são os órgãos da psique, formas vazias que a experiência preenche, leitões de rios por onde a torrente da vida passa. Há representações arquetípicas de Deus, da divindade, das experiências de índole religiosa, assim como arquétipos do nascimento e da morte, de procriação, de força de vida e da natureza, de velhos sábios, heróis, buscas, demônios, fadas, de mãe, etc.

Todos estes arquétipos são centros energéticos que impelem o indivíduo a repetir certas experiências. Através de símbolos não comunicam apenas a "idéia" do processo inconsciente, como conceito mental, mas induzem à vivência, à "re-vivência" do processo.

Os deuses sempre existiram, e continuam a habitar dentro de nós. O estudo da mitologia adquiriu neste século um caráter importante, pois ao invés de lendas "inventadas" passaram a ser vistos como realidade, uma realidade psicológica.

DINÂMICA DO INCONSCIENTE

1) Compensação

A alma, a psique humana, sempre está em busca de um equilíbrio. Qualquer excesso num ponto provoca uma tentativa de compensação em outro. Ao contrário do consciente, que sempre possui uma visão parcial, o inconsciente "vê" a coisa em todos os seus aspectos, inclusive os ignorados ou desleixados, e procura a harmonia.

Este equilíbrio é constantemente rompido pelo próprio homem, que usa várias máscaras artificialmente, isto é, não vive de uma forma natural com respeito ao que realmente é, pensando sempre ser mais valioso "parecer" ante os olhos próprios e dos outros, do que "ser" autêntico. Como reação surgem temores, obsessões, vícios, fraquezas e ansiedade.

Verificamos essa compensação em situações cotidianas: às vezes um homem que no trabalho é duro, forte, comporta-se como criança na vida particular. Um exaltado freqüentemente não passa de um inseguro que tanto mais alardeia quanto mais precisa que os outros confirmem.

Nos tipos psicológicos vemos como uma pessoa extremamente extrovertida passa a ter reações físicas psicossomáticas, para fazê-la voltar a si mesma. Já o introvertido às vezes começa a se preocupar com questões financeiras mínimas, mas que visam colocar sua atenção um pouco no mundo exterior.

A compensação surge freqüentemente nos sonhos; a função compensadora dos sonhos é das mais freqüentes. Temos como exemplo alguém que supervaloriza o pai, na vida consciente, e que por isso sonha com o pai bêbado. Uma pessoa que galga níveis na sociedade, na política ou no trabalho, para os quais não é apta, sonha que cai num abismo.

A compensação pode existir a nível coletivo. Desde o século passado que o homem começou a desprezar a fé, o irracional, idolatrando a razão e a ciência. Paralelamente tivemos duas guerras mundiais, numa compensação irracional.

Cada vez que uma porção importante da alma é desvalorizada, surge como compensação no inconsciente. "Nenhum valor espiritual pode desaparecer sem que o substitua um equivalente."

2) Projeção

É um dos mecanismos de defesa do ego mais poderosos. Quando o indivíduo não é consciente de um conteúdo de seu inconsciente, ou não quer aceitá-lo, atribui-o a alguma outra pessoa ou a algum objeto não pessoal do mundo externo.

Assim, as pessoas não são como as vemos, pois têm uma mistura das nossas projeções, criando um conjunto de relações mais ou menos imaginárias.

Quanto mais resistimos às tentativas de conscientização de nossos defeitos, mais os projetamos nos outros. É o outro que foi intolerante, que começou tudo, que é ruim, que não tem compreensão; é por causa disto ou daquilo que eu fiquei deprimido, triste, alegre ou contente.

A nível coletivo isso separa os homens em "grupos" que jogam sobre outros "grupos" a causa de seus problemas, advindo daí os preconceitos de raça, credo, políticos e sociais.

A garantia mais sólida de que a injustiça, o ódio e a perseguição manterão seus domínios é não querermos enxergar nossas faltas e as projetarmos sobre outros, grupos ou pessoas.

3) Sonhos

O primeiro psicólogo a dar maior importância aos sonhos foi Freud, que via nestes a representação de conteúdos inconscientes que a "censura" não permite chegar ao consciente. Posteriormente constatou-se que este é apenas um dos aspectos dos sonhos.

Os sonhos são uma auto-representação espontânea, simbólica, do inconsciente, e não apenas um desejo reprimido disfarçado. Exprime, como uma fotografia, o inconsciente tal qual ele é, na linguagem arcaica das imagens e dos símbolos. Não disfarça nada (a natureza não é diplomática), mas é preciso compreender esta linguagem que é irracional, isto é, não se orienta da mesma forma que nossa razão consciente e lógica (o que não quer dizer que lhe seja inferior).

Podemos ver os sonhos por dois ângulos, o aspecto causal e o final. Pelo aspecto causal tentamos descobrir através do teste de associação de palavras qual é o problema ou complexo que lhe deu origem. É uma análise redutiva. Pelo aspecto final nos perguntamos qual a finalidade do sonho, para que ele se manifestou.

A abordagem final explora seus conteúdos em todas as direções, amplifica-os, enriquece-os, até descobrir a expressão das forças do inconsciente no exercício de suas funções. Os personagens do sonho podem referir-se ou a pessoas que conhecemos realmente ou a fatores autônomos da própria psique do sonhador. Na maioria dos casos, todas as figuras do sonho são aspectos personificados da personalidade do sonhador. O sonho é o teatro onde o sonhador é ao mesmo tempo o ator, a cena, o ponto, o regente, o autor, o público e o crítico.

Entre as funções do sonho podemos, sucintamente, destacar as seguintes:

a) função compensadora: já vista anteriormente, dá origem a sonhos auto-reguladores, que funcionam como reações de defesa contra posições conscientes demasiado unilaterais ou antinaturais. "Assim como o corpo reage a um ferimento, infecção ou vida anormal, as funções psíquicas reagem a alterações perigosamente perturbadoras." Os sonhos podem reduzir uma situação (o ambicioso se vê numa colocação imoral segundo seus conceitos) ou aumentá-la (um aspecto negligenciado aparece como o mais importante).

b) função prospectiva: como o inconsciente possui mais dados que o consciente, com impressões subliminares, sensações, sentimentos e pensamentos ainda não apreendidos por este, podem ser "proféticos". Percebem os longos processos subterrâneos que precedem as grandes crises, e já os refletem nos sonhos. Frequentemente expressam futuras doenças (por exemplo, o processo inflamatório é representado pelo fogo — cuidado, o fogo nem sempre representa o processo inflamatório) e, pelo fenômeno da sincronicidade, mostram futuros acidentes e até a morte próxima do paciente.

c) função reativa: certos acontecimentos dramáticos são revividos no sonho, até que o estímulo traumático se esgote.

d) grandes e pequenos sonhos: os "grandes" sonhos são aqueles em que os conteúdos não são exclusivamente pessoais ("pequenos" sonhos) mas são aqueles que, usando imagens míticas, como dragões, animais domésticos, demônios, o velho sábio, o tesouro oculto, a árvore mágica, a fonte, a caverna, os jardins inacessíveis, etc., refletem a condição de toda a humanidade, refletem um acontecimento psíquico que ocorre além do inconsciente pessoal. Trazem em si uma grande energia, fazendo com que tenhamos o ímpeto de contá-los a todos. Estes sonhos arquetípicos muitas vezes nos "restauram" a saúde como na medicina antiga. A um egípcio que fora mordido por uma serpente o sacerdote lia um trecho sagrado onde também o grande deus Sol havia sido atacado e a deusa Mãe o curara. Ao seu nível psicológico isso era eficaz, porque o homem imergia no inconsciente coletivo mediante esta simples narração, e suas imagens se apoderavam de seu ser com tal força que o equilíbrio ameaçado era recuperado a nível psicossomático. É de processo semelhante que nosso inconsciente se vale em busca do equilíbrio. Tais sonhos aparecem principalmente em fases críticas na adolescência, maturidade, velhice, diante de situações psíquicas perigosas e antes da morte.

Um sonho por si só é pouco para termos uma visão do inconsciente. Os sonhos geralmente são

produzidos numa série, que deve ser analisada em conjunto. "Um sonho é apenas uma frase de um longo texto." Vale a pena anotá-los e formarmos o diário de nossa vida inconsciente.

4) Energia psíquica — progressão e regressão

A psique é dinâmica através da energia psíquica, ou libido. Essa energia tem origem nas experiências; assim como o alimento ingerido é "transformado" em energia vital, as experiências são "consumidas" pela psique e transformadas em energia psíquica. Existe uma relação íntima entre as duas energias, pois uma pode se transformar na outra.

A estabilidade de nossa psique, considerada como um sistema energético, é relativa. Tudo o que tocamos, vemos, cheiramos, sentimos, pensamos ou ouvimos pode romper dramaticamente o equilíbrio, balançando toda a personalidade. Um pouco de energia acrescida ou diminuída provoca às vezes abalos "sísmicos" em toda a psique. Alguns psicólogos sugerem que o homem "abandone" periodicamente o mundo para recuperar o equilíbrio interior psicológico, sendo a meditação e a oração bons métodos.

Se uma quantidade de energia diminui ou desaparece num elemento da psique, surge em outro; formando o que chamamos de princípio de equivalência. Assim, um menino transfere seu interesse de brinquedos e histórias para automóveis, meninas e namoro na adolescência; a energia que durante o dia usamos para pensar, sentir e agir, à noite transfere-se aos sonhos. A energia bloqueada no consciente vai ao inconsciente produzindo fobias, obsessões, compulsões e neuroses.

A questão de equivalência é complementada pelo princípio de entropia, que faz com que a energia flua do elemento mais forte ao mais fraco, buscando o equilíbrio. Quanto maior a desigualdade de energia, maior a tensão e mais violenta a "descarga" em sentido oposto. Todo estado extremo, que não seja natural, contém secretamente seu oposto, e pode haver uma súbita conversão de um valor dominante para seu contrário. Como exemplo vemos as paixões amor-ódio. É dentro desse enfoque energético que temos de analisar a progressão e a regressão. São dois movimentos da psique que se alternam constantemente.

Na progressão a atenção e a energia da alma fluem em direção a experiências cotidianas buscando uma adaptação ao meio ambiente. O ambiente, porém, está sempre mudando, suas exigências são diferentes a cada momento. Quando as possibilidades de que dispõe o indivíduo não são capazes de corresponder a estas exigências, ou os obstáculos do

caminho são muito fortes naquele instante, a energia se detém, acumula, fica estagnada. Cria uma tensão que faz com que a energia acabe recuando toda em direção de si mesmo, ativando seus conteúdos interiores. Começa aí a regressão. Este movimento subtrai a energia dos elementos psíquicos e promove uma adaptação ao mundo interior. Os conteúdos inconscientes são ativados, confrontados, integrados, dissolvem-se as estagnações, removem-se os bloqueios. Essa regressão pode ativar os arquétipos, como o do herói, do velho sábio, de divindade, que têm em si a sabedoria da vida, e que ajudam nos momentos críticos. O passo seguinte será uma nova progressão, repetindo assim todo o ciclo.

Só pode haver uma harmonia se houver uma adaptação tanto ao mundo exterior como ao interior.

5) Confronto entre consciente e inconsciente

Inconsciente e consciente confrontam-se sempre, e será nossa atitude, nosso comportamento diante dessa tensão, que modelará os destinos psicológicos.

Fazendo-se uma comparação com o corpo, observa-se que não se pode negligenciar uma única parte, uma única função ou órgão sem se comprometer todo o organismo. Da mesma forma, consciente e inconsciente devem se confrontar, mas, se o início deste confronto é de oposição e tensão, deve terminar numa síntese que complete o indivíduo, tornando-o pleno, um ser humano em toda sua dignidade de ser o que realmente é.

Uma vida psíquica sem recalques, sem falsidades, com um eixo interior de onde partem as ações de forma lúcida, só é possível quando consciente e inconsciente vivem em paz.

Quanto mais o homem insiste em viver numa atitude cogniscente e reflexiva, desdenhando e recalçando os conteúdos do inconsciente como um todo, e particularmente do coletivo, cada vez mais terá uma consciência desenraizada, que sem a orientação segura das imagens, forças e formas primordiais, será levada ao sabor das ondas do destino, sem um apoio, sem um ponto de referência. Daí advêm as neuroses e psicoses, que em maior ou menor grau afligem toda nossa sociedade contemporânea.

Tão perigoso quanto ignorar o inconsciente é a atitude oposta de abandonar-se à força e corrente dos arquétipos e dos demais elementos vivos no inconsciente. Isso provoca desde um conservantismo psíquico acentuado, com medo de qualquer coisa nova, medo à magia, superstição e à presença de doentes mentais, até um processo de despersonalização, com grandes perigos psíquicos.

Consciente e inconsciente devem estar em comunicação e diálogo mútuo. Ambas as metades da alma, a luz da consciência e a obscuridade do inconsciente se complementam e necessitam-se mutuamente. Será o processo da "individuação" que levará esse diálogo a uma reunião plena e profunda, que se traduzirá numa auto-realização interior.

6) Sincronicidade

A ciência ocidental sempre se preocupou em analisar todos os fenômenos do ponto de vista causal, interessa sempre saber a causa, o porquê, o que ocorreu que teve como consequência e resultado o fenômeno que se observou. Dentro dos meios psicanalíticos Jung observou e estudou a existência de fenômenos que possuem uma "simultaneidade", uma "coincidência significativa", sem que haja uma relação causal entre ambos.

Um exemplo está no *I Ching*, onde se pressupõe que haja uma correspondência sincrônica entre o estado psíquico do interrogador e o hexagrama que responde. Para os chineses todo "momento" relaciona tudo o que existe ou acontece, isto é, sem haver uma "causa", nada há "por acaso".

"A causalidade, enquanto uma verdade meramente estatística não absoluta, é uma hipótese de trabalho sobre como os acontecimentos surgem uns a partir dos outros, enquanto que, para a sincronicidade, a consciência dos acontecimentos, no espaço e no tempo, significa algo mais que mero acaso, precisamente uma peculiar interdependência de eventos objetivos entre si, assim como dos estados subjetivos (psíquicos) do observador ou observadores." (Jung)

O estudo da sincronicidade ainda está no início e, ao contrário de antigas (?) posturas acadêmicas, não ignora a presença de fenômenos inexplicáveis em termos causais.

Existem inúmeros relatos de "premonições", em sonhos ou em vigília, que não possuem uma relação "causal" mas que residem em regiões ainda desconhecidas da psique.

"Os fenômenos sincrônicos são a prova da presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal; em outros termos, eles provam que um conteúdo percebido pelo observador pode ser representado, ao mesmo tempo, por um acontecimento exterior, sem nenhuma conexão causal. Daí se conclui: ou que a psique não pode ser localizada espacialmente, ou que o espaço é psiquicamente relativo. O mesmo vale para a determinação temporal da psique ou a relatividade do tempo. Não é preciso enfatizar que a constelação deste fato tem consequências de longo alcance." (Jung)

7) Individuação

Todo ser da natureza tende inconscientemente a realizar o que existe em germe, a crescer e a completar-se. Isso, que é válido também no plano físico, é uma tendência instintiva sob cuja perspectiva devem ser vistos todos os dinamismos da psique. Toda a tensão psicológica, toda neurose, é o esticar do arco que lançará o indivíduo pelo caminho da realização de si mesmo, a nível psicológico.

Não é uma tendência à perfeição, mérito do que é divino, mas a completar-se como um ser humano. Para isso temos de aceitar o fardo de conviver conscientemente com as tendências opostas, inconciliáveis, inerentes à natureza, claras ou escuras, que existem dentro de nós, independente de conotações sociais de bem ou de mal.

Este movimento, que não é linear mas se parece mais ao circular, leva ao centro do indivíduo do ego a um outro centro psíquico, o *self*, o centro da personalidade total, do consciente e do inconsciente.

O ego não deixa de existir, mas enquanto este é apenas o centro da consciência, na periferia da psique, abre um canal para a manifestação do verdadeiro centro de toda a psique, que a harmoniza numa unidade.

A pessoa que busca individualizar-se procura a realização das particularidades de sua natureza. Para isso tem de levar em conta os conteúdos coletivos da psique, aprendendo que sua estrutura básica é a mesma de todos. Não pode haver aí lugar para orgulho ou tendências egoístas.

Liquidam-se as projeções, muda-se o relacionamento pessoal, desaparecem as alegrias e tristezas mundanas para dar lugar a outras mais profundas, íntimas e inexpressáveis. As relações de estreita dependência, de até quase fusão com outros seres, modificam-se para dar lugar a uma posição de "respeito pelo segredo que é cada vida humana".

O caminho passa pela confrontação com a máscara, a sombra, o *anima/animus*, até chegar ao *self*.

Para estabelecer contato com o mundo exterior, adaptar-se às exigências do meio onde vive, o homem assume geralmente uma aparência que não corresponde ao seu modo de ser autêntico. É a máscara ou *persona*, que faz com que se apresente aos outros como eles esperam que ele seja.

A máscara é uma defesa útil e até mesmo um mecanismo necessário durante a vida. O grande perigo é o ego se identificar com ela, achar que é a própria máscara. O homem funde-se assim com seus cargos, títulos e posição. Mas, atrás dos aspectos sociais e temporais, quem é ele? Como é ele?

A partir do momento em que se apegou à máscara, o interior se transforma em farrapo, que pode ser destruído pelos ventos psíquicos do destino.

É preciso retirar a máscara, por mais doloroso que seja. É doloroso o ato em si (a máscara "grudou" no rosto) e é doloroso a crítica e as mudanças na vida social que isso acarreta (principalmente se a máscara rende frutos econômicos). Nada, porém, pode ser um empecilho na busca de si mesmo. Neste aspecto nosso primeiro dever é conosco mesmo.

Retirada a máscara surge um ambiente escuro. É a sombra, nossa face desconhecida, onde mora aquilo que nos desagrada ou assusta, que afastamos porque não combina com a máscara, e por isso reprimimos e projetamos sobre outros. Quanto mais a sombra é reprimida, mais espessa e negra se tornou. Lá estão desde nossas pequenas fraquezas, aspectos imaturos, até forças demoníacas. Lá também se acham qualidades que nunca foram desenvolvidas por falta de condições exteriores. É preciso iluminar a sombra, assimilá-la, dissolver seus conteúdos estagnados, transmutá-los se necessário.

Geralmente nos sonhos a sombra é representada por um indivíduo do mesmo sexo, mas ao "avesso" psicologicamente.

Assimilada a sombra, o homem entra em ambientes ainda mais arquetípicos: o da *anima* e do *animus*. Sendo arquetípicos, foram exemplificados em numerosas culturas.

Na China fala-se que o *Tao* encerra em si dois elementos: o *yang*, masculino, ativo, enérgico, o espírito; e o *yin*, feminino, passivo, reprodutor, a natureza. Um não existe sem o outro, ambos são necessários. Essa mesma dualidade vemos em todos os deuses indianos, que sempre estão unidos a uma deusa, sua *shakti*, que representa o poder do deus manifestado na natureza. Platão conta-nos em seus diálogos que os deuses criaram o homem como um ser redondo (isto é, completo), andrógino, e que posteriormente foi ele dividido em homem e mulher.

Existe o arquétipo do masculino e do feminino, e ambos estão dentro do ser humano. Mas, enquanto um deles se desenvolve, outro encontra-se latente. Não podemos confundir a canalização do arquétipo com a manifestação ou a atitude sexual masculina e feminina.

A *anima* é a feminilidade inconsciente no homem, o arquétipo do feminino, do "eterno feminino". Tem uma tônica emocional, e no início é projetada sobre a mãe. Posteriormente, projeta-se sobre uma artista, a namorada e finalmente a esposa. Daí advêm muitos problemas, pois nunca a pessoa sobre a qual se projeta a *anima* corresponde, realmente, a essa idéia. Surgem as inevitáveis decepções e ilusões, presentes em toda problemática da vida sen-

timental de qualquer um, por culpa dele mesmo, que foi o autor da projeção.

Na segunda metade da vida as projeções diminuem e o "feminino" volta-se para dentro do homem. A vida emocional torna-se interior, e o homem fica hipersuscetível, com intempestivas mudanças de humor, explosões emocionais, caprichos, etc.

A *anima* deve ser confrontada e assimilada, e assim tornar-se função que liga o consciente ao inconsciente; sua ligação interior dá-se pelo sentimento.

Nos sonhos surge como sereia, bruxa, fada, animal, deusa, mulher, etc.

O *animus* corresponde ao arquétipo do masculino, na mulher. Enquanto a *anima* é fonte de caprichos e de humores, o *animus* emite opiniões. Projeta-se sobre o pai, os professores, o namorado e o esposo. Quando, porém, não é assimilado, produz opiniões simplistas, baseadas em pré-conceitos, sem a auto-reflexão madura. É o elo de auto-reflexão da mulher, meio de ligação entre o consciente e o inconsciente, que lhe dá gosto pelas coisas do espírito.

Aparece nos sonhos como animais, selvagens, demônios, príncipes, criminosos, heróis e artistas.

Incorporando-se a *anima* e o *animus*, o sentimento e a reflexão, surge o *self*, núcleo mais interior da psique.

O mundo interior acha-se alargado, no *self* tem origem toda a energia psíquica que dá existência à própria psique, que une toda ela fazendo com que o indivíduo não seja mais fragmentado.

O homem tornou-se ele mesmo, cada vez possui valores mais altos; prazeres e sofrimentos são vivenciados num nível mais alto de consciência.

"É com a submissão ao *self* que se realiza uma integração harmoniosa de todas as potencialidades psíquicas. Surge então uma personalidade superior, livre da tirania do inconsciente que ia até a neurose, mas se manterá apenas mediante um esforço contínuo de colaboração entre o consciente e o inconsciente." "... Pois a personalidade é um cume donde a gente sempre pode rolar para o abismo..." (Jung)

DAVID COHEN

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

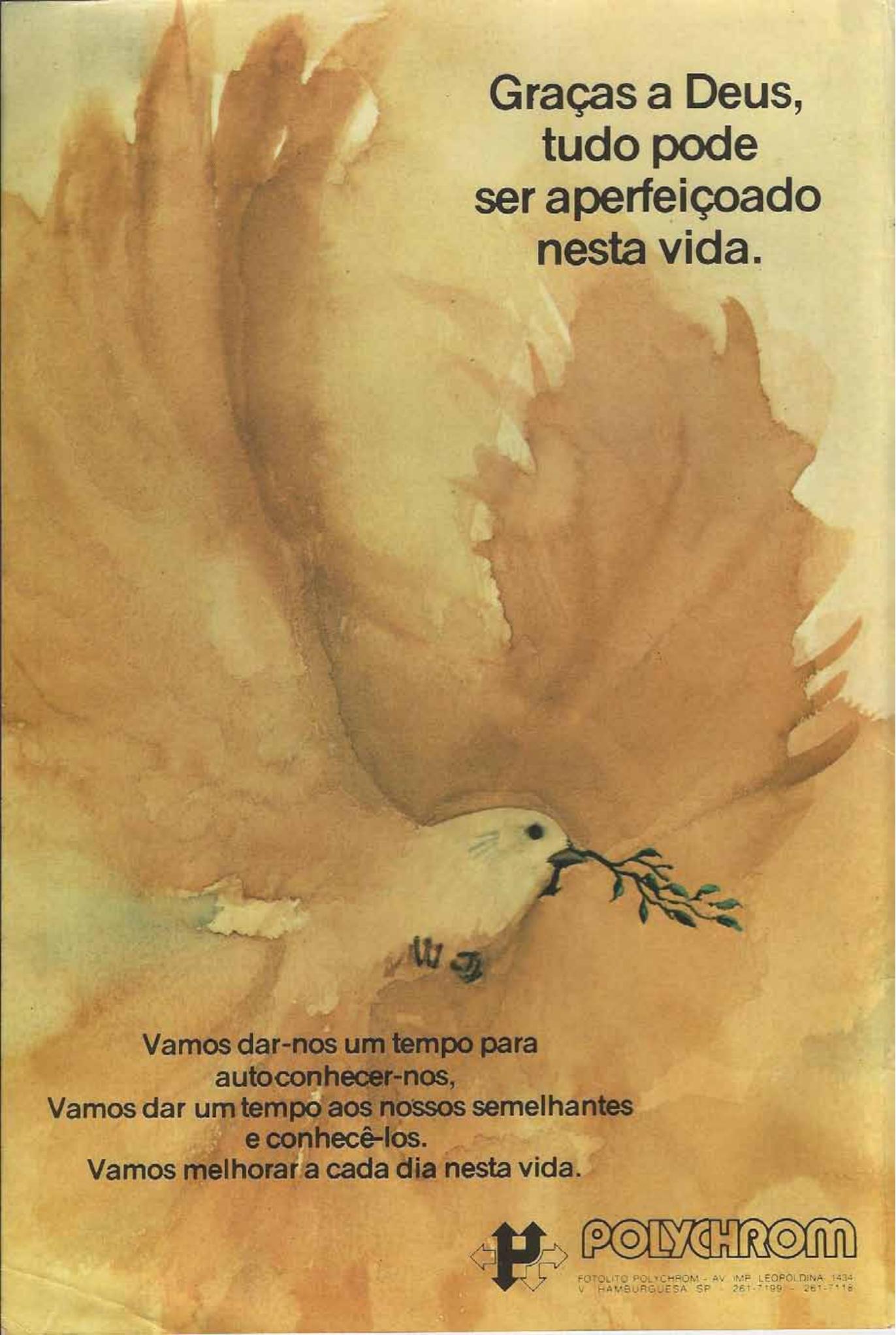
ÉTICA: aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russel; a ética cristã.

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES

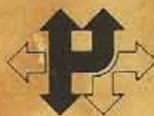


INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA, SP - 261-7199 - 261-7118